"MÉDIUM NÃO É SANTO. SE FOSSE, ESTARIA NO ALTAR, NÃO NO TERREIRO";

Pai Cipriano das Almas

DIÁRIO DE UM MÉDIUM INICIANTE

REGISTROS DO DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO NA UMBANDA.

ESCRITO POR:

LEONARDO MONTES

LEONARDO MONTES

DIÁRIO DE UM MÉDIUM INICIANTE

REGISTROS DO DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO NA UMBANDA

www.youtube.com/mediumdeumbanda
leonardo@mediumdeumbanda.com

Março/2017

Sumário

INTRODUÇÃO

Desde muito jovem interessei-me pelo assunto mediunidade. Lembro-me de, aos 17 anos, ir à livraria de um Centro Espírita e pedir um exemplar de O Livro dos Médiuns, de Allan Kardec.

A vendedora, uma senhora de meia idade, olhou-me com carinho e me recomendou outra leitura, dizendo que o livro que desejava não era para minha idade. Eu deveria ler outros, mais "leves".

No entanto, insisti.

Havia acabado de ler O Livro dos Espíritos e queria acompanhar a sequencia natural. Depois de muita relutância, terminou por vender-me o precioso livro. Li-o com interesse voraz nas férias da família, na praia.

Venho de família sem-religião, embora cada um cresse em Deus à sua maneira. Assuntos religiosos não eram comuns em nossa casa. Não que fossem proibidos, apenas não conversávamos muito sobre isso.

Exceto por um tio-avô distante cujo contato durante a vida somou-se nos dedos de uma mão, eu era o primeiro a me assumir espírita. Tinha exatos 17 anos de idade e comecei a ler vorazmente. Desejava saber tudo que fosse possível sobre Espiritismo.

Aos 18 anos cai num processo obsessivo que me perturbou o sono em barulhos estranhos durante a

noite... Vozes que pareciam me chamar ou rir de mim. Estranha sensação de estar sendo observado o tempo todo... Vultos que me apreciam e sumiam antes que pudesse divisá-los com clareza, etc.

E se não fosse a intercessão amiga recebida no mesmo centro onde adquiri o livro, talvez tivesse caído em absoluta prostração.

O tempo passou e exceto por uma ou outra experiência sutil o suficiente para me deixar confuso sobre sua realidade, eu nada mais tive.

Mergulhei mais fundo ainda nos estudos o que me levou a um estado de crítica sobre o Movimento Espírita que simplesmente me paralisou qualquer esforço perseverante no bem.

Alguns anos se passaram e me mantive distanciado dos trabalhos em centro espírita. Frequentava apenas eventualmente, algumas vezes ao ano. Permanecia isolado em minha fé...

Mas, os ventos do destino sopram alheios à nossa vontade e acabei me interessando pela prática mediúnica na Umbanda e conheci uma casa que muito gentilmente me acolheu e me deu total liberdade para estudar os fenômenos.

Munido de uma coragem vinda não sei de onde, propus à entidade chefe o meu intento de pesquisar sobre a

mediunidade na Umbanda. Para minha surpresa, fui recebido de braços abertos.

A partir de então, em cada gira (nome dado às sessões), comparecia com um caderno e tinha certa liberdade para transitar e fazer as anotações que quisesse.

Observei tudo: *as reações corporais dos médiuns durante o transe, a alteração no timbre da voz, os movimentos do corpo, a forma de trabalho da entidade, seu ponto riscado, etc*. Se não bastasse, as próprias entidades se propuseram a responder minhas perguntas e, desde então, tive o prazer de conversar dezenas de horas com preto-velhos, ciganos e exus sobre todos os mistérios da Umbanda.

Pouco tempo depois, um convite: se desejasse, iria ser cambone (pessoa encarregada de auxiliar a entidade incorporada) em todos os trabalhos. Aceitei de pronto. Vesti-me de branco, o que causou muita estranheza e zombaria de alguns amigos e mesmo das entidades que me tachavam de "pesquisador" ou "cabeçudo".

Mergulhei sinceramente no trabalho. Auxiliava em tudo. Preocupava-me, por vezes, mais que o próprio médium no preparo dos elementos de trabalho de suas entidades. Acompanhava com vivo interesse cada atendimento, cada palavra amiga que as entidades ofereciam aos consulentes.

Em fevereiro de 2015, um dos guias-chefes da casa, Pai Cipriano das Almas, me ofereceu a oportunidade do

desenvolvimento mediúnico. Se quisesse, iria desenvolver a minha sensibilidade, isto é, a capacidade de perceber os espíritos... Para alguém que sempre se interessou em mediunidade, isso era o santo graal!

A partir de então, a mediunidade despontou-se como um iceberg no horizonte de um mar tranquilo. Uma transformação inimaginável operou-se em minhas percepções de modo que, ao recordar tudo que passou, chego mesmo a ficar sem palavras...

Assim, amigo leitor, de agora em diante, você acompanhará a minha experiência pessoal no desenvolvimento da mediunidade sensitiva e de incorporação. Narrarei com o máximo possível de detalhes tudo que me aconteceu, como aconteceu, o que senti, quanto tempo durou, etc. E, na segunda parte do livro, oferecerei opiniões sobre diversos assuntos que direta ou indiretamente tocam a mediunidade e que permearam o meu desenvolvimento...

Quero apresentar um quadro vivo das minhas experiências, na esperança de ajudar outros médiuns que estejam em desenvolvimento ou que pretendam se iniciar.

Não desejo oferecer explicações técnicas ou teóricas da mediunidade. Existem muitos livros sobre isso. Desejo apenas oferecer o relato verídico da minha experiência pessoal como médium na Umbanda.

CAPÍTULO 1: DESCOBRINDO-ME MÉDIUM

Exceto pelo episódio obsessivo anteriormente citado, jamais me imaginei médium. Pelo contrário, dizia sempre que preferia pensar com a minha própria cabeça a cedê-la a outro.

Tivera, sim, episódios estranhos vez ou outra, mas nada que se caracterizasse de forma a me fazer pensar que poderia ser portador do gérmen da mediunidade.

E assim vivi até os 30 anos de idade.

Era início da quaresma de 2015. As entidades nos alertavam sobre os perigos desse período, *onde as forças trevosas têm maiores possibilidades de influir sobre os encarnados* e todos os cuidados seriam poucos. Deveríamos redobrar nossos esforços na oração e na vigilância constante de nossos pensamentos e atos.

Durante esse período, quem assumiria os trabalhos da casa seria o Pai Cipriano das Almas, entidade sempre tratada com muita reverência e respeito, especialmente, por ser um preto-velho mais rigoroso.

Estava curiosíssimo para conhecê-lo.

Para minha surpresa, depois de incorporado, pediu-me para que sentasse ao seu lado e acompanhasse seus atendimentos. Ali, a primeira surpresa: *diferentemente dos outros pretos-velhos, o português do Pai Cipriano era tão bom quanto o meu*.

Com muita clareza e propriedade, ele me explicava cada atendimento dado. O porquê de se dar o passe assim ou assado, o motivo do uso desta ou daquela erva. A importância do fumo e da bebida para isso e para aquilo, etc.

Passaram-se três semanas, quando ele me fez uma pergunta:

- Você tem uma pequena sensibilidade, quer desenvolvê-la?
- Sim – respondi rapidamente.
- Tem certeza?
- Tenho!
- Tem mesmo certeza? Arrematou o velho pela terceira vez...
- Sim.

Foi então que, depois de ter me questionado três vezes, iniciei meu processo de desenvolvimento mediúnico, a começar pela sensibilidade, isto é, a capacidade de sentir a presença de espíritos.

CAPÍTULO 2: SENSIBILIDADE MEDIÚNICA

Ainda naquela noite, Pai Cipriano me explicou que eu não "servia" pra incorporar, mas que poderia desenvolver minha sensibilidade a ponto de saber, inclusive, quando o espírito ia se incorporar no médium. Não é preciso dizer que isso elevou minha curiosidade à enésima potência.

O processo, contudo, me parecia demasiadamente simples. Depois de terminado o atendimento às pessoas da gira, eu me sentava num pequeno banquinho em frente ao preto-velho que pousava a destra sobre minha cabeça, ao mesmo tempo em que baforava o seu cachimbo. O método era simplesmente este, embora às vezes usasse alguma erva sob a mão.

Da primeira vez, senti um arrepio intenso percorrer a minha coluna. Uma sensação semelhante à leve choque elétrico, diferente de tudo que já sentira. E foi só.

Esta era a sensação e ocorria no momento do meu desenvolvimento. Não sentia nenhuma diferença nos demais instantes da minha vida.

Decorridos cerca de um mês e meio do início do meu desenvolvimento, fui convidado a participar dos trabalhos de desobsessão que se iniciariam em breve. Sinceramente, nunca me interessei pelo assunto, mas a oportunidade de acompanhar médiuns mais experientes me animou bastante. Aceitei!

Assumiria a função de esclarecedor, isto é, a pessoa que conversaria com a entidade manifestante. Embora fosse a minha primeira vez num trabalho daquela natureza, eu já havia lido extensamente sobre o assunto de modo que me sentia razoavelmente preparado para exercer a função.

As sessões ocorriam normalmente, até que, no fim de Abril de 2015, num dos trabalhos de desobsessão, enquanto me concentrava em preces para os trabalhos da noite, pude sentir, novamente, o estranho arrepio na coluna. Mas, dessa vez, não havia nenhuma entidade colocando a mão em minha cabeça. Tão logo sentia o arrepio, a médium a meu lado incorporava. E assim foi durante toda a noite: arrepiava, ela incorporava.

Às vezes, tinha a sensação de que alguém colocava suas mãos sobre minha cabeça. Chegava mesmo a olhar ao redor de tão viva era essa impressão e nada via. Posteriormente, soube que eram as entidades ajudando o meu desenvolvimento, que consistia num estímulo energético constante sobre meu chakra superior (Sahasrara).

Aqui, entretanto, faço questão de esclarecer o seguinte: *o termo arrepio me parece o mais adequado para exprimir a sensação que me dominava naquele instante*. Mas, diferentemente do arrepio quando se leva um susto ou quando se sente frio, esse era intenso, durava por vários segundos, subia e descia por toda a minha coluna vertebral, irradiando-se por meus braços

e pernas de modo frenético, semelhante a um pequeno choque elétrico...

Passei, então, a perceber que isso não acontecia somente na reunião de desobsessão. Nas giras públicas também. Sentia o arrepio, o médium ao meu lado incorporava. Curioso, passei a me posicionar ao lado de diferentes médiuns para ver se o mesmo acontecia e, de fato, acontecia. A partir desse dia, adquiri a capacidade de sentir um arrepio intenso quando os espíritos incorporavam em seus médiuns.

Com o tempo, comecei a perceber que essa capacidade evoluía, melhorava-se, tornava-se mais apurada. Eu escutava sempre outros médiuns conversarem sobre a energia da casa, dizendo que "hoje está pesado ou hoje está leve" e coisas assim. Entretanto, até aquele momento, eu nada sentia. Entrava e saía do terreiro com as mesmas impressões de entrar ou sair da minha própria residência, sem afetação alguma.

Aos poucos, porém, percebi que isso foi se modificando. Gradativamente, assim que pisava no terreiro, não apenas sentia o arrepio, mas por algum processo que ainda não sei explicar, como um sentido novo que surgisse em minhas percepções, eu era capaz de distinguir se as energias estavam boas ou ruins.

Se estivessem boas, isto é, se a soma vibratória de todos os presentes no terreiro estava boa, as energias eram leves, sutis e proporcionavam a sensação de paz, tranquilidade. Se, porém, houvessem pessoas

perturbadas (e logo aprendi que uma pessoa severamente perturbada é capaz de contagiar vinte outras...) as energias eram densas, o coração se acelerava, um estranho pesar se abatia sobre meus ombros, os pensamentos ficavam lentos, etc.

Minhas sensações permaneceram as mesmas por cerca de seis meses. Por volta de Outubro de 2015, senti novamente que elas se ampliavam. Bastava me concentrar em determinado médium, olhá-lo fixamente, enquanto se preparava para incorporar e podia, sutilmente, sentir a entidade se aproximar e incorporar-se nele.

Não apenas isso. Conseguia, agora, novamente sem explicar por que meio, saber onde estava a entidade. Se à esquerda do médium, se à direita, se atrás, etc.

Uma atitude que me ajudou muito a fazer distinção das minhas percepções e saber se eram mesmo impressões mediúnicas ou se as estava imaginando, é que sempre busquei conversar com as entidades-chefes, narrar-lhes o ocorrido e perguntar se minhas impressões estavam certas ou erradas. Às vezes errava, mas na maioria, acertava.

No próximo ano, conseguiria distinguir com certa precisão quando se tratava de um caboclo ou de um preto-velho, por exemplo. Essa capacidade se tornaria ainda mais refinada, dando-me a percepção de espíritos não apenas no terreiro, mas em diversos outros lugares, embora com menos frequência...

Certa noite, por exemplo, estava numa pizzaria com amigos, quando, de repente, senti a vibração de uma entidade de baixa evolução bem atrás de mim. Olhei discretamente e vi um grupo de jovens que havia acabado de chegar. Próximo de um deles senti a presença de uma entidade que, em tudo, deu-me a clara impressão de ser um vampiro sugando suas energias.

Disfarcei o quanto pude, mas as sensações emanadas de uma entidade perturbadora causam muito desconforto. Afetava-me a respiração, os batimentos cardíacos se descompassavam e até mesmo o estômago chegava a ficar indisposto. Os amigos perceberam, mas desconversei.

Empreendi grande esforço de concentração mental e após elevar uma prece sincera, parei de perceber a entidade. Se ela se afastou ou se simplesmente não pude mais percebê-la, sinceramente, não sei.

Dali em diante, mais sensível a tudo ao meu redor, teria que aprender a concentrar meu foco de atenção e se, por ventura, viesse a perceber alguma entidade inferior fora do ambiente de trabalho mediúnico, procurava desviar o meu pensamento ou refugiar-me na oração sincera.

Aqui, talvez, o leitor pense: qual a utilidade dessa mediunidade? Explicarei.

A sensibilidade, isto é, a capacidade de sentir os espíritos e energias é irmã da intuição. Ao passo que

me sentia mais sensível às energias, percebia-me também mais intuitivo em meus propósitos. Se proferisse uma palestra, por exemplo, sentia o aproximar da entidade que me auxiliaria, sua mão espiritual ligando-se à região da minha nuca e o fluxo de pensamentos que partindo dela embalava-me às ideias. Era um mundo novo de percepções. Mas, não apenas isso!

Se me dispunha a dialogar com os espíritos na desobsessão, antes mesmo da sua incorporação, sabia se se tratava de um suicida ou de um criminoso ou de um arrependido, etc. Isso me facilitava o diálogo com as entidades sofredoras.

Quando conclui a minha graduação em psicologia, tão logo voltei a me sentar, depois de pegar o "canudo", senti alguns amigos espirituais ao meu lado. Na próxima gira, sem que eu nada dissesse, algumas das entidades me parabenizaram pelo feito e disseram ter comparecido à minha colação de grau...

Se em algum momento da minha vida estivesse prestes a tomar uma decisão que não me fosse prudente, por muitas vezes, sentia o pensamento amigo de algum espírito a me fazer pensar com mais retidão. Enfim, uma faculdade que ajuda o trabalhador da seara espiritual em todos os sentidos...

Devo deixar claro, contudo, que essa sensibilidade me causou, sim, alguns aborrecimentos. Uma simples ida a um bar, por exemplo, se mostrava uma empreitada

perigosa, pois se me permitisse entrar em faixas mentais menos felizes, como conversas sem proveito ou pensamentos negativos, eu me tornava muito mais vulnerável e isso me causava enorme desgaste físico e mental.

Um ano e meio após o início do meu desenvolvimento eu havia aprendido a "controlar" essa faculdade. Não consegui encontrar (se é que há) algum botão de liga-desliga. Mas, aprendi a concentrar e desconcentrar meu pensamento com certa facilidade.

Tornei-me capaz de sentir, algumas vezes, o estado emocional de algumas pessoas. Quando alguém se aproximava, podia sentir com exatidão a disposição emocional dessa pessoa, o que me permitia auxiliá-la com maior eficácia.

Entretanto, cabe considerar que essa faculdade não se exerce como nos filmes, a bel prazer do médium. Pode ser que a entidade se encontre ao seu lado e você não seja capaz de percebê-la ou que uma pessoa extremamente infeliz passe por você sem que nada seja captado. Por vezes, me esforçava muito para que ela "funcionasse", sem resultado algum. Podia concentrar o quanto quisesse numa pessoa e nada sentir sobre ela.

Foi então que compreendi que a faculdade é como uma manifestação viva, por si só e que não depende, exclusivamente, da minha vontade para iniciá-la. A minha única escolha dada era sobre o que fazer com as

sensações que chegavam até mim: aceitá-las ou ignorá-las, isso era comigo!

CAPÍTULO 3: PRIMEIRA INCORPORAÇÃO

11 de Maio de 2015, uma segunda-feira fria, por volta de 20h40min da noite.

Íamos iniciar a sessão de desobsessão. Todos sentados à mesa, música suave ao fundo, luzes apagadas, apenas uma pequena luz vermelha acesa na parede lateral. Quatro médiuns à mesa, quatro esclarecedores junto a cada médium e duas ou três pessoas para suporte.

Após a prece inicial, concentrei-me nas sensações que, àquele tempo, ainda eram confusas para mim. De repente, percebi que meu corpo balançava, para frente e para trás, involuntariamente, embora de forma sutil. Logo em seguida, estranho mal-estar se abateu sobre mim.

Meu estômago ficou absurdamente indisposto, ânsia de vômito e, por fim, não pude segurar: *vomitei sobre a mesa e sobre minhas próprias pernas*! Asco e agito geral. As pessoas imaginaram que eu estivesse passando mal. Eu mesmo pensei isso. Tremia freneticamente, sentia falta de ar, coração aos pulos, olhos arregalados, intenso frio, pensei mesmo que estava tendo um derrame ou algo do tipo.

Todo esse processo durou cerca de três minutos, até que, gradativamente, cessou, deixando-me trêmulo, confuso e com muita dor do esôfago ao estômago. A médium que estava ao meu lado incorporou um dos mentores do trabalho, Pai Benedito, que me acalmou

com sua palavra confortadora e passes de refazimento, informando-me que se tratava de uma entidade suicida, que adentrou os portões da morte ingerindo soda cáustica e que se aproximara de mim por afinidade vibratória, pois era também um pesquisador do mundo espiritual.

Levaria ainda vários minutos até que pudesse me recompor. Entretanto, minha mente fervilhava: *mas, então, o que senti foi a simples aproximação de um espírito?* A hora, no entanto, não comportava maiores esclarecimentos. Era preciso aguardar o fim dos trabalhos.

Para minha surpresa, nada me foi esclarecido. Precisei aguardar o próximo trabalho público, quando, finalmente, o Pai Cipriano incorporou-se, ao final, para desfazer as minhas dúvidas.

A entidade, que normalmente tinha aspecto sério, esboçava um sorriso e dava gostosas gargalhadas. Chamou-me para conversar, dizendo:

- Recuperou do susto?
- Sim, mas não entendi o que aconteceu – respondi.
- Ué, você incorporou...
- Mas, como? O senhor me disse que eu não servia para incorporar!?

Ele baforou seu cachimbo, bebeu um gole de vinho e disse:

- Se eu tivesse dito, naquele tempo, quando você chegou ao terreiro cheio de preconceito e curiosidade, que você iria incorporar na Umbanda, você teria acreditado?

Meditei alguns segundos e respondi:

- Não, creio que não acreditaria.
- Por isso eu disse que você não servia para incorporar – e rindo, continuou – agora você serve!

Ali, aprendera mais uma lição: *tudo tem seu tempo, inclusive, a verdade!*

CAPÍTULO 4: DESENVOLVENDO A INCORPORAÇÃO

Ao término das giras públicas, os médiuns em desenvolvimento permaneciam no terreiro após a saída dos consulentes. Eu acompanhava com especial interesse o método de desenvolvimento que me parecia, em tudo, absolutamente simples.

Os médiuns já desenvolvidos e cambones permaneciam em circulo ou semi-circulo, conservando, ao meio, o médium a ser desenvolvido. Um dos guias-chefes da casa se manifestava, ora caboclo, ora preto-velho.

Quando se manifestava o caboclo, ele fazia um círculo no chão, espalhava folhas de samambaia dentro, colocava a pessoa de pé e, às vezes, baforava charuto em sua cabeça, emitia seu brado e fazia a pessoa girar, pedindo aos membros da corrente que prestassem atenção para não deixá-la cair.

Quando vinha algum preto-velho, o processo era mais suave. Eles normalmente benziam com folhas, baforavam o cachimbo na cabeça da pessoa e seguravam levemente suas mãos, balançando-as suavemente. Quando isso não surtia efeito, punha-os a girar.

Eu geralmente fazia parte da corrente e observava com muita atenção as pessoas girando. Elas pareciam perder algo da sua consciência, o corpo amolecia, por vezes tremia, a respiração ficava mais intensa e, às vezes, desequilibravam-se e caíam ao chão.

Numa dessas giras de desenvolvimento, como são chamadas, fui arrastado de súbito pelo caboclo-chefe (que não é nada delicado) e colocado para girar. Além do susto inicial, essa perspectiva me atemorizava, pois em toda a minha vida sempre fui muito sensível a tontura. Só de me imaginar girando já fico tonto...

O caboclo me girava, girava, bradava, andava em torno a mim pisando firme no chão, fazendo movimentos que se assemelhavam a uma dança.

Lembro-me que, na primeira vez, senti apenas leveza... Demoraria cerca de um mês e meio para que sentisse uma energia percorrer meu corpo. Desde então, durante a gira, passei a sentir uma imensa vontade de correr, o que frequentemente fazia com que me desequilibrasse e caísse, sendo amparado pelos amigos.

Posteriormente, observei leves movimentos involuntários dos meus braços. Se conseguisse deixar a mente serena, meu corpo simplesmente se movia sozinho, embora lentamente.

Conforme o desenvolvimento avançava e minha sensibilidade ia se tornando mais forte, percebia a entidade se aproximado de mim, geralmente, postando-se atrás, um pouco à esquerda. Sentia como um imã a percorrer meu corpo nos setes principais chakras o que fazia com que meu corpo ficasse amolecido, cambaleante para um lado e para outro.

Sentia o alinhamento dos chakras da entidade com os meus. Um leve torpor me tomava, a vista embaçava um pouco. Se fosse caboclo, o coração acelerava, uma energia me percorria e forte vigor tomava conta. Se fosse preto-velho, um peso insuportável nas costas, fraqueza nas pernas, incrível sensação de tranquilidade.

O desenvolvimento ocorria semanalmente e durava em torno de cinco minutos por pessoa, sendo encerrado pela entidade que estava no comando, que dizia quando começar e quando terminar, o que normalmente ocorria chamando o nome da pessoa para que despertasse do transe em que se encontrava.

Em essência, era esse o processo. A única diferença é que, a cada sessão, sentia mais forte, mais firme. Ao longo de três meses, já conseguia incorporar o caboclo e o preto-velho com relativa naturalidade, embora eles falassem muito pouco e permanecessem apenas alguns minutos.

Eu sentia o desenvolvimento ocorrer em duas seções distintas. Primeiramente, as entidades pareciam se esforçar para dominar meu corpo. Se incorporasse o preto-velho, por exemplo, sentia o peso nas costas, as pernas fraquejarem, os movimentos tornarem-se lentos e eu me movia de forma acentuadamente curvada.

Nunca tivera predisposição ao fumo, no entanto, incorporado o preto-velho, a boca chegava a salivar de vontade de fumar. Mas, não qualquer fumo. Tinha que ser o fumo natural, sem aroma artificial. Quando lhe

ofereciam um cachimbo, balançava a cabeça em tom negativo, pedindo, por gestos, o cigarro de palha.

No instante em que colocava o cigarro de palha na boca, sentia satisfeita “minha” vontade. Ele puxava com relativa dificuldade a fumaça, que não era tragada, isto é, não era “engolida”. Permanecia alguns segundos com ela na boca para, em seguida, ser soprada para fora. Quanto mais ele fumava, mais forte eu sentia a incorporação!

Entretanto, embora estivesse satisfeito, em parte, o controle do meu corpo, a minha mente permanecia inteiramente entregue a mim mesmo. Nada mudara em meus pensamentos, exceto, por certa lentidão na ordem comum das ideias e aqui reside a segunda parte do meu desenvolvimento...

Eu continuava pensante e, por vezes, desviava o pensamento para coisas que nada tinham a ver com o momento... O que me fazia pensar - como é absolutamente comum entre os médiuns iniciantes -, que não estava, de fato, incorporado... Chegando mesmo a cogitar se não me encontrava sob algum tipo de sugestão coletiva...

Levaria, ainda, algum tempo até que conseguisse silenciar a minha mente...

CAPÍTULO 5: ABRINDO FALANGE

O termo “abrir falange” frequentemente é empregado ao ato da fala. Quando a entidade é capaz de incorporar-se com naturalidade e falar, está aberta a falange e apta a atender publicamente. É quando normalmente ela risca seu ponto e dá seu nome.

É comum que os médiuns iniciantes sintam-se muito inseguros em relação a este período. Alguns retardam o quanto podem o momento em que suas entidades passarão a atender publicamente.

Conheci médiuns que levaram mais de um ano e meio de desenvolvimento para que suas entidades falassem seus nomes. Isso se deve, quase sempre, à insegurança do médium. Quanto mais seguro o médium se torna em relação às suas entidades, mais rapidamente ele abrirá falange. Para que isso ocorra, contudo, torna-se indispensável dedicação e paciência, sendo desejável, o estudo.

Eu não tive maiores problemas em relação à fala. O timbre de voz, contudo, era o meu. Levaria alguns meses para que o timbre bem como a maneira de falar começasse a mudar de entidade para entidade e isso se deu com suave naturalidade e, por vezes, de forma imperceptível, para mim. Quando me dava conta, já estava falando em outro timbre e de outra forma!

Sentia-me relativamente seguro das minhas incorporações quando, em Agosto de 2015, quase seis meses do início do meu desenvolvimento, numa gira em que compareceram poucos médiuns e ampla assistência, o Pai Cipriano me chamou e disse que, dali por diante, eu trabalharia.

Foi um choque!

Eu me sentia feliz com o meu desenvolvimento, mas, nunca tinha atendido. As entidades apenas incorporavam, riscavam seu ponto, fumavam charuto ou cigarro de palha, bebiam um pouco de café ou vinho e iam embora. Não me imaginava atendendo antes de, pelo menos, um ano de desenvolvimento...

De imediato, não aceitei... Disse que não me sentia pronto, que ainda precisava desenvolver por mais tempo, que estava feliz como cambone e assim queria permanecer, ao que ele me disse:

- Você confia em mim?
- Sim, o senhor sabe que sim... Mas...
- Então, vamos trabalhar. Hoje tem pouco médium e muita assistência. Você consegue. Se você não estivesse pronto eu não te chamaria!

Nada mais respondi ao que ele continuou:

- Confie em mim, eu vou estar aqui. O que vier na cabeça, diga, não trave a língua, vai dar tudo certo...

CAPÍTULO 6: PRIMEIRO TRABALHO

Após a conversa com o Pai Cipriano, sentia-me pressionado, inseguro e, sinceramente, com muito receio. A assistência fiel percebeu que eu me colocara na posição de médium e muitos pares de olhos me acompanhavam com curiosidade, o que elevou ainda mais minha insegurança.

Fiz uma prece com todo meu coração, de todo meu ser, pedindo auxílio ao preto-velho que trabalharia. Estava com medo, mas desejava servir! Se ele me julgasse digno e pronto, que tomasse meu corpo, que viesse espalhar sua luz.

Foi então que senti uma vibração intensa como nenhuma outra. Todo meu corpo formigava. Meus braços e pernas tornaram-se lentos, meu olho esquerdo fechou e não conseguia mais abri-lo. Sentia um torpor intenso na região da mandíbula, um forte tremor em todo o corpo e, em poucos instantes, manifestava-se José do Congo, preto-velho que não gosta de ser chamado de Pai nem de Zé, apenas, José.

Encurvado, de andar lento, mãos trêmulas, enxergando apenas com o olho direito, caminhou devagarzinho até o Pai Cipriano, saudando-o. Em seguida, dirigiu-se para a imagem de Jesus (Oxalá) saudando-a.

Sentou-se com dificuldade num banquinho, cumprimentou o cambone, riscou seu ponto, acendeu um cigarro de palha e disse:

- *Pode chamar, filho... Vamos trabalhar!*

CAPÍTULO 7: LEITURA MENTAL

O bondoso velho cumprimentava com singeleza e delicadeza cada consulente que se sentava à sua frente. Pedia a pessoa que pensasse em Deus e no que desejaria obter. Colocava sua destra sobre a cabeça do consulente e um mundo novo se abria diante de mim.

De imediato, uma multidão de sensações invadia a minha cabeça. Apontamentos bem específicos surgiam, como por exemplo: **problema na família, dificuldade no trabalho, doença, dinheiro, etc**. Por alguns instantes, parecia poder sentir as aflições mais graves da pessoa que, nem sempre, casavam com aquilo que ela verbalmente pedia depois...

Ali aprendera outra lição: **não importa o que a pessoa diz ou do que ela reclame. As entidades sabem do que ela necessita**! Por vezes notei os consulentes aborrecidos ou contrafeitos por terem feito uma reclamação e terem recebido orientação sobre outra situação.

Neste sentido, Vó Cambinda de Guiné, uma das entidades chefes, dizia sempre: ***Cada fi vai escutá o que precisa, não o que qué!***

Com o tempo, a *leitura mental* - como passei a chamar esse fenômeno -, tornara-se mais precisa. Se, inicialmente, em conjunto com as sensações aflitivas do consulente surgiam apontamentos que davam o direcionamento do problema, agora surgiam

elaborações mais complexas, como a dizer: Você está com dificuldade de relacionamento com o seu pai; Você bateu o carro; A dívida que deseja receber logo será paga ou coisas do tipo.

Simplesmente, informações que não se poderia obter com leitura fria ou através de indicativas, dado que o consulente só dizia o seu problema após a "sondagem" do preto-velho, surgiam de forma clara em minha mente.

Isso me deu enorme confiança na capacidade dos meus guias e na força da minha própria capacidade mediúnica.

CAPÍTULO 8: QUESTÃO DE CONSCIÊNCIA

É de conhecimento comum no meio mediúnico que as manifestações de incorporação se dão em três formas: conscientes (90% dos médiuns); semiconscientes (9% dos médiuns) e inconscientes (1% dos médiuns). Essa proporcionalidade me foi passada por uma das entidades chefes da casa onde desenvolvi.

Os médiuns inconscientes são tão raros que muitos pensam que estão extintos e definem-se por aqueles que não conservam qualquer lembrança após o transe mediúnico: **tudo que as entidades fazem após a incorporação lhes é desconhecido.**

Os semiconscientes são aqueles que se mantêm conscientes durante o trabalho, mas não exercem domínio sobre o próprio corpo, que age independentemente da sua vontade, sendo comum que suas lembranças se embaralhem ao final do transe.

Os conscientes - a maioria dos médiuns -, estão plenamente de posse do próprio corpo, veem tudo que acontece e recordam-se de tudo ao fim. Poderíamos dizer que trabalham em parceria com os espíritos.

Acredito que, no futuro, a literatura a respeito da incorporação necessitará rever algumas coisas. Por exemplo: de fato, existem esses três estados de consciência durante o transe mediúnico. Porém, percebi que, dentro de cada um desses estados existem níveis, variáveis. Um médium inconsciente, num trabalho,

pode estar em algo semelhante a um *sono profundo* e em outro se encontrar como alguém que *cochila*. Em ambos os casos pode-se dizer que dorme, mas a profundidade do sono é bem diferente.

Outra situação: considera-se médium inconsciente o que não se recorda de nada durante o transe. Porém, consciência e memória, embora estejam ligadas, são funções mentais (ou cerebrais, para os mais materialistas), diferentes. Pode ser que um médium esteja inconsciente durante o transe e, ao final, ainda se recorde de algo? Penso que sim... Mas, deixemos isso para os estudiosos do futuro... Voltemos à apreciação do meu caso pessoal.

Naturalmente, as pessoas tendem a dar maior credibilidade aos médiuns inconscientes, uma vez que, neles, os espíritos podem se manifestar com quase total liberdade, que só não é absoluta, pois sempre há influência da mentalidade do encarnado na manifestação.

Como todo médium iniciante, eu desejava, também, perder a consciência. Inicialmente, o médium luta muito contra a dúvida. Perguntas, como: estou mesmo incorporado? Sou eu ou é o guia? São muito comuns. Costumo dizer, entretanto, que as dúvidas também evoluem e, ao longo de algum tempo, essas dúvidas passarão para algo, tipo: interpretei direito o que o espírito queria dizer?

Como médium consciente, tive que aprender a controlar os meus pensamentos e aquietar a mente, calá-la para que outro pudesse falar. Quanto mais me concentrava e menos pensava em coisas diversas, mais forte e firme era a manifestação. Isso sem dúvida não é fácil. Por vezes me sentia extremamente perdido em meus próprios pensamentos e nos das entidades que sentia como sutis intuições *do que e como* dizer/fazer as coisas.

Conforme os trabalhos iam ocorrendo, porém, e percebia um feedback positivo da consulência, minha confiança aumentava e sentia que, mais livremente, o guia podia atuar. Gradativamente, compreendi que a consciência não é um obstáculo à manifestação mediúnica e que, ao contrário do médium inconsciente que nada levava consigo após a gira, eu aprendera muito com os conselhos dos guias e com a experiência de vida dos sofredores que buscavam ajuda espiritual.

É preciso recordar, ainda, que não importa se o médium é consciente ou não. A capacidade de atuação de um guia não se limita à consciência do médium. Ainda que o espírito não consiga expressar tudo quanto gostaria verbalmente através de um médium consciente, nem por isso deixa de dar o seu recado e nem por isso seu passe tem menos eficácia.

O trabalho se inicia no momento da gira, mas quase sempre se prolonga por vários dias, semanas, meses, totalmente independente do primeiro contato que se deu através do médium...

CAPÍTULO 9: GANHANDO CONFIANÇA

31 de Outubro de 2015.

Houve um trabalho especial, em cidade vizinha, onde compareceram mais de 200 pessoas para tomar passes e se consultar com os pretos-velhos. Somávamos em torno de 12 médiuns - dos quais mais da metade, inclusive eu -, era iniciante.

Nos trabalhos normais em nossa casa, cada médium incorporado atendia cerca de cinco pessoas por gira. Ali, a proporcionalidade era outra. Esperávamos algo na casa de vinte pessoas por médium, o que nos deixou muito aflitos, pois nunca tínhamos trabalhado com tantas pessoas.

Este foi, porém, um divisor de águas em minha vida mediúnica. Concentrei-me e incorporei, primeiramente, o Pai José do Congo, primeiro preto-velho com quem trabalhara. Ele atendeu algo em torno de 13 pessoas. Depois veio o Pai Arruda, que atendeu até o fim, totalizando, segundo o cambone que me auxiliava, 22 pessoas. Eu estava exausto, cansadíssimo e começava a perder a concentração no trabalho por isso.

Uma senhora se apresentou algo aflita, contou sua experiência amargurada. Entretanto, algo diferente aconteceu. Além da habitual voz do preto-velho que costumava ouvir no íntimo, eu passei a ouvir outra, bem diferente, pedindo para dizer-lhe que o tio dela, Antônio, estava ali e que ele sempre a ajudaria.

O medo tomou conta, travei a língua, nada queria dizer. A voz, no entanto, ressoava mais forte, mais impositiva, pedindo que dissesse sem receios. Depois de algum conflito mental, resolvi ceder, entregando nas mãos da espiritualidade. Pensava: e se ela não tiver nenhum tio chamado Antônio? Onde eu enfio a cara? Mas, bastava vir esse pensamento que sentia o preto-velho dizendo para confiar, para não segurar, para deixar fluir que daria tudo certo.

Calei meus pensamentos. O preto-velho redobrou esforços e falou sobre o Tio Antônio, dando, ainda, detalhes específicos do relacionamento dos dois. Para meu total espanto, ela se emocionou, disse que tinha muita afinidade com ele e que havia desencarnado há pouco mais de um ano.

A partir dessa experiência, onde finalmente consegui me entregar à manifestação, percebi uma grande mudança nas informações que circulavam por mim até o consulente. Todas as entidades com quem trabalhava começaram a dar detalhes específicos que, antes, eu não permitia passar por medo de errar.

CAPÍTULO 10: TERCEIRA PERSONALIDADE

Em capítulo anterior procurei demonstrar que ser consciente ou não é de pouca importância. Um bom médium consciente poderá fazer um trabalho com a mesma qualidade de um inconsciente e ainda agregar conhecimento e experiência a si mesmo.

Eu já havia deixado de lado o desejo de ser inconsciente. Ansiava, agora, por experiências novas. Desejava, ardentemente, me tornar melhor instrumento a cada trabalho, um aparelho receptor de melhor qualidade.

Para que isso pudesse ocorrer era indispensável fazer o resguardo adequadamente (nada de carne, sexo, bebidas ou fumo 24 horas antes do trabalho). Nos dias de gira deveria me esforçar sobremaneira na educação dos meus pensamentos e sentimentos, alimentar pouco e, acima de tudo, que cada vez mais lutasse contra minhas tendências inferiores, buscando ser uma pessoa melhor. Eis o caminho para se tornar um bom médium!

Conforme obedecia a todos os preceitos, tomava banho de ervas antes dos trabalhos, chegava mais cedo ao terreiro para poder me isolar em preces e reflexões construtivas, percebia que a incorporação tornava-se mais precisa, rápida, como uma luva que se encaixava na mão e confortavelmente ali permanecia.

Quase um ano havia se passado desde o início do meu desenvolvimento e sentia o transe tão intensamente que, agora, não era como se uma voz interior me

dissesse o que fazer ou falar. No momento do transe, embora consciente, eu me sentia totalmente diferente do que sou. Aspectos da personalidade da entidade em trabalho e os meus se fundiam, mesclavam-se, formando uma terceira personalidade: anímica-espiritual. Ou, em outros termos: eu me sentia outra pessoa!

Antes, se incorporava o preto-velho e este queria ir para um lugar, ouvia como uma voz no íntimo a dizer: *ande para lá*. Ao tentar me mover, o corpo seguia lentamente, como é característico do andar do preto-velho, o que, aliás, me dava a certeza de estar incorporado. Ali, entretanto, não me vinha voz nenhuma. Se a entidade quisesse andar, ela andava. Se quisesse falar, falava. Se quisesse fumar, fumava. Eu me sentia apenas um expectador do atendimento, embora ainda pudesse influir se desejasse.

As noções de tempo, espaço e foco mudaram completamente. Incorporava-se o caboclo, ele parecia ter olhos e ouvidos somente para a pessoa que se consultava. Se alguém se posicionasse ao meu lado, parecia tornar-se invisível, só sendo vista se de alguma forma chamasse a atenção da entidade. Os trabalhos duravam entre uma hora e meia a duas horas e meia e, ao desincorporar, tinha a impressão de haver passado apenas meia hora.

Tendo maior posse do meu corpo, a entidade podia agir com bastante desenvoltura indo para onde quisesse, falando o que fosse preciso, o que fez com que muitos

companheiros meus chegassem a pensar que eu havia perdido a consciência, o que sempre negava. Não era diferente dos demais, apenas seguia os preceitos, esforçava-me por me tornar o mais neutro possível para que a entidade pudesse agir e tinha uma fé viva na proteção e amparo dos guias! Isso fez o trabalho fluir com naturalidade.

CAPÍTULO 11: NOVAS PERCEPÇÕES

Como a entidade agia mais livremente, notei algumas percepções que anteriormente não possuía. Se o preto-velho colocasse a mão na cabeça da pessoa, antes me vinha apenas frases do tipo: *problemas na família, dificuldades no serviço*... Além de algumas impressões sentimentais que a pessoa carregava em seu coração.

Agora, se o preto-velho colocasse a mão na cabeça, chegava mesmo a ver cenas em minha mente, como uma tela, do que se passava na vida do sujeito. Podia ver lugares, pessoas, situações, de forma algo imprecisa, enevoada, mas, às vezes, com bastante nitidez e som.

A princípio isso me impressionou muito, mas com o tempo me acostumei. Essas *visões* não ocorriam sempre, mas eventualmente, especialmente, em casos complexos, onde parecia ser necessário mergulhar no íntimo para poder ajudar.

Percebia com muita facilidade a natureza dos problemas do consulente. Se estivesse aflito, se estivesse angustiado, se não dormia bem, etc. Tudo isso parecia de alguma forma saltar aos meus olhos. Uma compreensão súbita, como uma espécie de Raio-X da vida emocional da pessoa surgia em poucos segundos e então a entidade agia e aconselhava com grande exatidão.

Se o problema fosse saúde, a entidade fixava os olhos em determinada parte do corpo da pessoa e, em

seguida, trazia a resposta do que se tratava. Se o consulente dizia estar com dor nas costas, imediatamente tocava a região específica onde sentia dor. Algumas vezes, conforme fixava a visão num ponto específico, desfilava pela minha tela mental imagens do funcionamento daquela parte do corpo.

Exemplo: Se a pessoa reclamasse de dor muscular, tinha a impressão de que a visão atravessava-lhe a pele, chegando mesmo a observar os músculos em funcionamento!

Incrível, impressionante, mas real!

CAPÍTULO 12: ESQUERDA

Dentro dos trabalhos de Umbanda, é comum a divisão das entidades em esquerda e direita. Essa divisão é apenas didática já que formam uma equipe de trabalho única.

Chamam-se entidades de direita àquelas que já conseguiram alcançar certo nível de evolução espiritual. Encontram-se nela, por exemplos: os pretos-velhos, caboclos e crianças. Já na esquerda, encontramos os tão mal compreendidos, exus e pombagiras.

Segundo as diretrizes da nossa casa, o médium deveria primeiro desenvolver na direita para, só depois, trabalhar com a esquerda. Isso por que a manifestação da esquerda é mais forte, mais intensa, mais próxima da matéria. Antes de se habituar a ela, o médium deveria aprender a trabalhar com as sutis energias da direita.

28 de Agosto de 2015, por volta de 00h30min

Estávamos terminando um trabalho de esquerda, levando os resíduos para uma entrega na encruzilhada de cana, quando se manifestou no médium principal em nossa casa um exu da linha da Lira que, bem humorado, conversava com os presentes, apresentando-se. Três médiuns em desenvolvimento da casa, inclusive eu, passaram a sentir a presença e vibração de entidades próximas...

Aquilo nos deixou muito confusos, pois não estávamos aptos para incorporá-los. Participávamos dos trabalhos de esquerda na condição de cambones, apenas. A vibração, contudo, parecia forte, intensa. A entidade se aproximou, pegou minhas mãos com força e me girou.

A energia que senti naquele instante ainda hoje é indescritível. Não sei como precisar, em que termos descrevê-la. Posso apenas dizer que tomou meu corpo por completo, jogando-me de joelhos ao chão.

A entidade gargalhava de forma quase enlouquecida. Não conseguia ficar de pé. Arrastava-me pelo chão algo úmido pelo sereno, sujando toda minha roupa branca de mato e terra. Com meu dedo indicador, riscou seu ponto na própria terra e em seguida foi embora.

Retornei do transe trêmulo, tossindo e vomitando. A entidade conversou comigo, disse-me que eram normais àquelas sensações. Que as primeiras incorporações da esquerda eram assim mesmo e que aquele seria meu exu e, dali por diante, teríamos um compromisso de trabalho durante muitas décadas. Manifestei-lhe minhas dúvidas quanto a incorporação de exu, uma vez que ainda na havia sido "liberado" pelos chefes da casa para trabalhar com a esquerda, ao que ele me disse:

- Você está pronto.

CAPÍTULO 13: BÊBADO

Fora convidado - já que havia incorporado um exu -, a participar dos trabalhos da esquerda como médium. Os trabalhos ocorriam mensalmente, de portas fechadas, somente aos trabalhadores da casa ou pessoas convidadas.

Ansioso quanto à estranha manifestação, me precavera levando farofa apimentada, conhaque, velas brancas, vermelhas e pretas, tudo que a maioria dos exus necessitava para trabalhar.

A gira começou. Senti a vibração do espírito, mas não conseguia incorporar. Meus pensamentos estavam dispersos. Todo esforço para manter o bom padrão vibratório parecia escapar entre meus dedos. Eu havia ouvido uma música que há tempos não ouvia e não sei por que mecanismos psíquicos a bendita música não me saía das ideias.

A minha concentração estava péssima, de modo que precisei ser auxiliado pela entidade chefe do trabalho, Sr. Marabô, para que pudesse incorporar. A incorporação aconteceu nos moldes normais, mas a minha concentração ainda vacilava muito. Não estava acostumado com aquela energia intensa e, para ajudar, meus pensamentos se perdiam em notas musicais...

A entidade riscou seu ponto e ingeriu cerca de meio copo de conhaque, indo logo embora. O processo todo não durou dez minutos. Posteriormente, soube que a

minha concentração estava tão ruim que a entidade simplesmente se irritou e foi embora...

Tão logo desincorporei - trêmulo e tossindo -, como da primeira vez, percebi algo diferente. Meu corpo não estava o mesmo. Alguns minutos depois, sentia a cabeça leve, os movimentos vacilantes, emoções estranhas e intensas se misturavam em minha cabeça... Foi quando me dei conta: estava bêbado!

Não tinha o hábito de ingerir bebidas alcoólicas, especialmente, algo forte como o conhaque. A minha concentração estava tão ruim que os mecanismos da incorporação não se deram de forma satisfatória. Eu acabei bebendo por reflexo da vontade da entidade não por que ela própria queria beber!

Nunca havia ficado bêbado em minha vida e ali colecionara mais uma lição ao meu aprendizado mediúnico: ***não beber pela entidade!*** Muitas pessoas imaginam que se “seus exus” não beberem uma garrafa de pinga, as pessoas irão desconfiar da sua mediunidade. Outros acabam misturando a sua vontade de beber com a do espírito e passam da conta... Em todo caso, o resultado é o mesmo: ficam bêbados!

CAPÍTULO 14: POMBAGIRA

Antes de tudo, preciso dizer que nunca vi uma pombagira referir-se a si mesma por este termo. Vejo-as preferindo serem chamadas de moças, senhoras, senhoritas, damas, etc. Já li muito na internet sobre a origem deste termo, mas, é tudo tão vago e impreciso que prefiro não comentar...

Confesso: *a primeira vez que incorporei uma moça foi desconcertant*e! Primeiro, por que eu não estava preparado, segundo, por que eu não sabia que ia acontecer.

Eu já estava trabalhando com exu há uns dois meses, quando, num trabalho com a esquerda, depois que o exu "desceu" e as moças dos demais médiuns começaram a chegar, senti uma vibração estranha, intensa, diferente das que eu já conhecia.

Senti todo o processo da incorporação, mas não entendia que entidade era aquela. Ela não se curvou como um exu, suas mãos não assumiram aspecto de garra e eu sentia uma incrível leveza. Foi então que, lentamente, meus braços se posicionaram na cintura e tive a certeza de tratar-se de uma mulher.

Até aquele momento, trabalhara somente com espíritos de "homens" e, confesso, novamente, achava meio ridículo ver homens barbados agindo delicadamente e com voz afeminada...

Entretanto, ali, não tive escolha. A entidade gargalhava, embora contidamente; andava como quem desfila e parecia muito delicada e sensível. Pediu para se sentar, pediu um cigarro comum e uma taça de champanhe. Apresentou-se, disse chamar Rosa Vermelha da Encruzilhada e vinha apenas para um primeiro contato... Despediu-se e foi embora.

Novamente, confesso: *senti-me algo envergonhado*, especialmente, pelos colegas de terreiro que acabaram fazendo chacota da situação, em bom sentido, claro. Mas, logo superei. Deixei de lado as bobeiras do machismo e, com o tempo, aprendi a apreciar o sagrado feminino nas manifestações dessa bondosa dama que, conforme soube posteriormente, já me recebera como filho em algum lugar do passado...

Para encerrar este capítulo, é bom dizer que, ao contrário do senso-comum, onde as pombagiras aparecem como prostitutas em busca de prazeres ou meretrizes separadoras de maridos... As moças se apresentam de forma alegre, bem humorada e extremamente conhecedoras dos mistérios do coração. São excelentes conselheiras em questões aflitivas, em relacionamentos amorosos, amizades, família, trabalho, etc.

Portanto, a sugestão que dou aos futuros médiuns que lerão este capítulo é que trabalhem com as moças com o mesmo respeito e dedicação que teriam a qualquer outra entidade.

CAPÍTULO 15: CONHECENDO AS ENTIDADES

O desejo de saber quem são as entidades que trabalharão conosco gera uma enorme expectativa. Curiosamente, as entidades-chefes, durante o desenvolvimento, não costumam revelar estes nomes, esperando que as próprias entidades o façam.

O primeiro espírito que se deu a conhecer, como narrei anteriormente, foi o Pai José do Congo. Um preto-velho sábio, calmo, bom ouvinte. Eu já ouvira falar do Pai Arruda e que trabalharia com ele, mas não o conhecia. Só vim a incorporá-lo em Novembro de 2015, três meses após iniciar os atendimentos públicos...

Em seguida, conheci o Caboclo Uirapuru, da linha de Oxossi. A princípio, ele quase não falava, agia energicamente e parecia incansável. Sempre que trabalhava com ele eu desincorporava quase morto de tanto cansaço. Aos poucos, porém, começou a falar. Ainda hoje, é um caboclo de poucas palavras, mas seus conselhos são simples, claros e diretos, apesar de seu jeito truncado de dizer as coisas.

Logo, soube que trabalharia com um Hindu na desobsessão e nos trabalhos de cura. Eu aprendi a sentir a energia desse espírito que, quando incorporava, caminhava de forma ereta, quase nunca conversava e dava passes de forma bem diferente, fazendo movimentos circulares com as mãos, formas piramidais e quase teatrais, aos meus olhos. Ele só revelou seu nome em Junho de 2015: Caboclo Ragi.

O quinto espírito que eu conheci foi o Baiano Vicente. Eventualmente trabalhávamos com a linha dos Baianos e ele se manifestou por meu intermédio apenas três vezes em um ano de trabalho. Descontraído, atencioso e alegre, sua incorporação é tranquila, embora sinta um pouco de dor nas costas, já que ele não anda completamente ereto e sempre de mãos fechadas, gritando: axé, axé!

O sexto espírito foi o Exu do Lodo... Sempre se manifesta ao chão, com uma risada estridente, bastante alegre, brincalhão e muito desbocado... A primeira vez que eu o incorporei foi em meio à cana, enquanto estávamos fazendo uma entrega. Ele riscou seu ponto ali mesmo, com o dedo, na terra. A priori senti medo, pois seu modo de agir é totalmente diferente do meu. Com o tempo, porém, ele se tornou tão popular que passou a ser a manifestação mais esperada de todas.

Quase ao mesmo tempo conheci Rosa Vermelha da Encruzilhada, uma pombagira. Veio após um trabalho com os exus, trazendo sua presença feminina e seus bons ofícios em prol de todas as mulheres (atende quase exclusivamente apenas mulheres) que sofrem com relações afetivas, problemas familiares, dificuldade na educação dos filhos, etc. Gosta de beber uma sidra vermelha semelhante ao champanhe e faz questão de ter sempre entre os dedos um cigarro convencional.

O oitavo espírito se apresentou de forma inusitada. Encerrávamos os trabalhos dos pretos-velhos e

começou-se a cantar para as crianças. Nunca havia desenvolvido com esta linha. Participei também dos cantos quando fui chamado pela preta-velha que comandava os trabalhos à concentração. Senti, então, uma energia intensa, totalmente diferente do que estava habituado e após um processo mais longo do que o normal manifestou-se Juquinha Conchinha do Mar, criança da linha de Iemanjá. Sereno, educado e, que atua mais supervisionando as outras crianças do que, propriamente, atendendo. Gosta muito de conversar, chupar balas macias e beber fanta uva (bebida que eu detesto).

Após um ano e meio de trabalho vim a conhecer mais dois espíritos. O primeiro se apresentou como Wlado, um cigano muito atencioso, interpretador de sonhos e que demonstra muita lucidez e inteligência nos mistérios do mundo espiritual. Não abre mão de um charuto, vinho tinto e uma boa conversa. Mostra-se quase um professor.

O último veio da linha dos malandros. Apresentou-se apenas rapidamente, sem dar muitos detalhes e ainda não riscou seu ponto (alguns dizem que Malandro não risca ponto). Seu nome é Zé Pretinho e as únicas coisas que sei sobre ele é que gosta de cerveja bem gelada (outra coisa que detesto) e enroladinho de mortadela apimentada.

Esses são os espíritos que, de uma forma ou de outra, trabalharam comigo e parecem fazer parte de uma equipe espiritual com a qual irei trabalhar até o fim da

minha vida. Além destes, contudo, houve outras manifestações, mas elas são tão raras e sei tão pouco desses espíritos que não os considero integrantes desta mesma equipe, mas trabalhadores eventuais.

No trabalho que ocorre em finados, por exemplo, trabalhei com uma preta-velha que se apresentou como Vó Maria Rosa do Cruzeiro das Almas. Em duas ocasiões, sendo uma delas um trabalho de desobsessão, trabalhei com uma cabocla d'agua, que também não sei quem é e, na festa de Ogum do ano de 2016, trabalhei com o Caboclo Pena Vermelha, que também nunca mais deu notícias.

Acredito que, com o passar dos anos, conhecerei e trabalhei com outras linhas. Nunca vi, por exemplo, manifestações de Marinheiro, Boiadeiro ou Exu Mirim.

Enfim, caro leitor, o que posso lhe dizer sobre a ansiedade em querer saber sobre seus guias, é: *tenha paciência*. Não procure informações na internet, como história da entidade, seu ponto riscado, essas coisas, pois você correrá o risco de ser influenciado pelo que vai ler. O melhor é deixar o processo fluir naturalmente que, sem dúvida, cedo ou tarde, você as conhecerá e verá que elas são suas companheiras e que sempre te auxiliarão, direta e indiretamente, em todos os momentos de sua vida... E, no fim, quem pode se queixar de esperar tendo tantos amigos dedicados em torno de si?

CAPÍTULO 16: DEDICAÇÃO

A mediunidade exige dedicação. Ao lado de todo o desenvolvimento aqui narrado e todas as boas experiências que tive, é preciso dizer que também passei, sim, maus bocados.

Primeiramente, a tentação do resguardo. Um dia antes do trabalho nada de: *carne, sexo, bebidas, fumo*... Vigiar e orar em dobro, etc. Resguardar-se por uma semana, um mês, é fácil... Mas, fazer o resguardo ao longo de vários meses se torna, às vezes, bastante penoso...

Quantas vezes amigos me convidaram para sair, justamente, num dia de trabalho?

Quantas vezes o sono, a preguiça, o frio ou o simples cansaço do serviço me convidavam a permanecer em casa, confortavelmente? E por aí vai...

E o que dizer dos ataques espirituais?

Cada pessoa sinceramente empenhada no bem e que sirva à espiritualidade se torna alvo de ataques das trevas. Como exemplo, vou contar um episódio que se passou comigo.

Às segundas, tínhamos trabalho de desobsessão espiritual. Trabalhei o dia todo, cheguei em casa, tomei banho, comi algo leve e já me preparava para ir ao terreiro. Senti, estranhamente, que estava sendo

vigiado. Repentinamente, uma multidão de vozes me rodeava, xingando, vociferando, ofendendo. Uma leve vertigem me atacou a ponto de precisar me sentar na cama.

Gosto muito de ouvir a cantora Enya. Coloquei uma música suave dela no smartphone e, com muita dificuldade, elaborei uma prece mal feita. A vertigem diminuiu e saí para a garagem. Ao tentar ligar a moto, nada. Nem sinal de partida. Tentei dar “tranco”, nada. Já estava suado e cansado de tanto fazer força empurrado-a e nem sinal de partida. A vertigem aumentou, as vozes retornaram ainda mais intensas.

Pedi auxílio ao meu pai que, estranhamente, mudou de humor da água para o vinho. Passou a reclamar de tudo, me criticar pela moto e a dizer que eu não deveria trabalhar aquela noite. Estranhei sobremaneira a mudança de comportamento dele, pois instantes antes, estava tranquilo. Por fim, deixei a minha moto e pedi a da minha irmã emprestada.

Uma intuição me veio para que andasse devagar e que não me preocupasse com o atraso (afinal, perdi tanto tempo tentando fazer a moto ligar que já estava atrasado). Dirigi devagar e numa rotatória por onde sempre passo a moto simplesmente escorregou e eu quase caí... Sempre passei por aquele trajeto e nunca tive problema algum. Apenas esta vez, nunca mais!

As perturbações seguiram até chegar ao terreiro. Tão logo estacionei a moto e dei o primeiro passo portão adentro as perturbações simplesmente cessaram.

Vários outros episódios semelhantes ocorreram de modo que não deixaram dúvidas quanto a origem espiritual. Se não me atingissem diretamente, atingiam pessoas ao meu redor que, por consequência, me atingiam também...

Bom, mas e a proteção dos guias? Ela existe e se não fosse por eles, simplesmente, não conseguiríamos trabalhar... Entretanto, há limites para intervenção. Eles não podem, simplesmente, nos livrar de todos os males que nós mesmos causamos por nossa invigilância, pela falta de fé ou por nossa inconstância sentimental...

Como diz o ensino evangélico: **ajuda-te que o céu te ajudará.**

Que os futuros médiuns estejam cientes, pois, que a mediunidade encerra incríveis possibilidades de melhoria e aprendizado que a maioria das pessoas não terá acesso, mas ela também é construída com muito esforço e sacrifício.

CAPÍTULO 17: CANSAÇO

Quando os trabalhos terminavam, eu me sentia esgotado. Não era incomum, no outro dia, acordar com dores nas pernas e braços, como se tivesse feito longo e pesado exercício físico. Isso tende a desaparecer com o tempo, conforme o médium mais firmemente trabalha com seus guias.

Ao contrário do que possa parecer, eu me sentia bem mais desgastado quando era trabalho de preto-velho ou caboclo e muito menos quando era trabalho de exu ou das moças. A razão disso é simples: *os guias da direita precisam baixar a sua vibração, que ainda continua alta para nosso corpo, o que demanda muita energia a fim de manter o transe*... Já a esquerda trabalha quase a nosso nível, demandando pouca energia do corpo para manter o transe. Simples assim!

É preciso considerar que, como quase todo médium, não nasci em berço de ouro. No início do meu desenvolvimento, eu trabalhava num almoxarifado de peças automotivas e estava encerrando meu curso de graduação em psicologia... Creio que a própria espiritualidade "mexeu os pauzinhos" para que eu acabasse num serviço menos cansativo, então fui transferido para um escritório onde passei a exercer funções administrativas, bem menos intensas que meu antigo serviço.

De qualquer modo, trabalhava. Acordava por volta das cinco horas da manhã e só chegava em casa por volta

das seis e meia da noite. Morava muito longe do meu local de trabalho... O tempo era curto: *chegar, tomar banho, comer alguma coisa e correr para o terreiro*. Essa rotina era exercida na segunda (desobsessão), na quarta (trabalho de passes) e nas sextas (trabalho de cura/psicografia). Dedicava, portanto, três noites da semana aos trabalhos espirituais.

Aliás, penso que foi essa carga horária que fez com que meu desenvolvimento fosse mais rápido. Muitos colegas desenvolviam-se apenas nos dias de gira, uma vez por semana. Eu já estava incorporando na segunda, na desobsessão; Na quarta, nos passes; e na sexta nos trabalhos de cura.

Com tantos afazeres, muitas vezes cheguei a participar dos trabalhos como alguém que só não caía por conta das roupas... Entretanto, sempre recebia uma dose energética muito grande de modo que as minhas forças pareciam se dobrar e eu conseguia não apenas trabalhar espiritualmente como dar conta de todas as minhas obrigações na vida pessoal.

É sempre muito importante que o médium não saia em disparada após o fim da sessão. Acompanhei muitos médiuns que tão logo encerravam as preces, arrumavam suas coisas correndo e rumavam para a porta quase em maratona. Essa saída em disparada impede os espíritos de fazer a reposição fluídica necessária em nosso corpo e por muitas vezes senti essa atuação quando, simplesmente, sentava-me no banquinho do preto-velho, aguardando o fim do

gargalo que se formava entre médiuns e a assistência que se espremiam para ir embora...

Outro ponto que me ajudava muito era a ingestão de açúcar. Procurava sempre ter por perto algumas balas bem doces. Comia duas ou três, ingeria água fresca e rapidamente me sentia bem disposto.

Para completar, um bom banho quente e sono reparador.

CAPÍTULO 18: MECANISMOS DA INCORPORAÇÃO

Aprendera no diálogo com os espíritos que apesar do termo, incorporação não quer dizer, exatamente, entrar no corpo. A entidade que irá se incorporar permanecerá, sempre, fora do corpo do médium.

O que ocorre é simples aproximação da mesma, envolvimento vibratório de um para com outro, entrelaçamento entre fluxos energéticos vindo dos chakras do espírito e do médium.

Vou tentar detalhar ao máximo o que aprendi com as entidades, embora não compreenda todo o processo.

O médium se concentra, elevando seu pensamento e, por consequência, seu padrão vibratório. Se for uma entidade da direita, um caboclo, por exemplo, ele abaixará seu padrão vibratório o mais próximo possível do nível do médium. Se for uma entidade da esquerda é provável que não haja muito esforço de ambas as partes, dada a proximidade vibratória.

A partir daí - por um processo que sinceramente desconheço -, filamentos fluídicos começam a se estender dos chakras da entidade e do médium. Em algum ponto eles se encontram, entrelaçam-se e estabelecem uma corrente.

Quando este processo se inicia, é normal o médium sentir o coração acelerar; suas mãos suarem ou ficarem geladas; um arrepio forte percorrer o seu corpo, etc...

Tende a cambalear e a sentir solavancos. Conforme as ligações vão se tornando mais fortes, o médium, geralmente, começa a tremer e a sacolejar. Esse processo é algo estranho e pode causar algum desconforto, mas não causa dor.

O último chakra a ser ligado, pelo menos em grande parte dos casos, é o coronário, situado no topo da cabeça. Quando este processo termina, o médium está incorporado.

Em todos os casos de incorporação há ligação entre os sete crackras. A diferença está na força do fluxo ou da corrente, por assim dizer. Nos médiuns iniciantes ela geralmente é fraca, o que deixa o médium em dúvida sobre estar ou não incorporado. Nos médiuns mais experientes, é forte o suficiente para não produzir dúvida.

Com o tempo, as sensações tendem a ser mais intensas. Cheguei mesmo a presenciar dois casos em que o entrelaçamento fluídico foi tão intenso que a entidade dominou completamente o corpo do médium, produzindo uma inconsciência profunda. Numa dessas situações, a entidade chegou a queimar a mão do médium numa vela, a ponto de feder e ficar toda chamuscada, sem que este esboçasse a menor reação de dor, o que seria praticamente impossível de ser fazer num médium consciente que continua, embora reduzidamente, sensível à dor...

Quando a incorporação ocorre o corpo físico do médium torna-se um reflexo da entidade. Se esta levanta, ele levanta. Se ela bate no peito, ele bate no peito. Se ela fala, ele fala. Quando o preto-velho senta-se num toco, pede seu cachimbo e fica ali "pitando", o corpo do médium nada mais está fazendo do que o reflexo do que a entidade está fazendo no mundo astral, normalmente, posicionada ao seu lado, sentada num toco plasmado pela força do seu pensamento e "pitando" um cachimbo igualmente plasmado por sua vontade.

CAPÍTULO 19: ORIXÁS DE CABEÇA

Uma curiosidade muito natural das pessoas quando entram para a corrente é saber quem são seus Orixás de cabeça. Já acompanhei muitos diálogos na internet sobre os métodos para conhecer o Orixá da pessoa. Alguns jogam búzios, outros tentam adivinhar pela data de nascimento, etc.

Cada pessoa possui apenas dois Orixás de cabeça, isto é, a que ela está ligada por semelhanças de personalidade, sendo um masculino e outro feminino, ao que damos o nome de Pai e Mãe de Cabeça. A única entidade que falava sobre os Orixás era o Pai Cipriano. Não se jogava búzios, ele apenas observava com atenção a pessoa, pedia um tempo para pensar e depois respondia.

Eu já contava com uns cinco meses de desenvolvimento quando surgiu esse assunto entre os médiuns. A maioria estava em desenvolvimento e tinha muita curiosidade em saber quais eram seus orixás. Eu, sinceramente, não me importava muito com isso. Vinha do Espiritismo, onde não se falava em Orixás, então eu não me sentia tão interessado no assunto como os demais...

Naquele mesmo dia o Pai Cipriano se manifestou e fez questão de nos explicar sobre as características de personalidade de cada Orixá. Em nossos trabalhos são cultuados nove: Oxalá, Ogum, Oxossi, Xangô, Oxum, Iansã, Iemanjá, Nanã e Omulu.

Diferentemente de muita coisa que eu havia lido a afiliação aos Orixás que ele nos ensinou não era literal. Nós não nascemos ou estávamos vinculados em definitivo a algum Orixá. Nós apenas tínhamos características de personalidade que se casavam com o referencial deste ou daquele Orixá e que, com o passar dos anos e das encarnações, nossa personalidade se modificando, nossa filiação também se modificaria. Disse-nos mesmo que, quando ele estava encarnado, era filho de Omulu com Iansã.

Eu sou filho de Oxalá, pelo lado masculino e de Iemanjá, pelo lado feminino. Curiosamente, era o único homem da casa ligado a Oxalá. Havia outro médium ligado a Oxossi e todos os demais médiuns homens eram de Ogum.

Minha esposa é filha de Omulu e de Iemanjá e, curiosamente, também era a única pessoa na casa filha de Omulu. Aparentemente, nós dois tínhamos características únicas, já que eu era o único homem de Oxalá e ela a única pessoa de Omulu e sabem o que isso significa? Nada!

Por vezes vi uma guerrinha boba de pessoas querendo a disputa deste ou daquele Orixá ou pessoas que eram filhas de um Orixá querendo ser de outro ou mesmo dizendo qual era o melhor e coisas do tipo. Tudo bobagem...

Enfim, como filho de Oxalá - segundo a entidade -, destacaria em mim a inteligência, a tranquilidade e a

serenidade diante dos problemas. De fato, pude observar isso ao ver meus colegas de terreiro. Como filhos de Ogum, eles pareciam estar sempre dispostos a tratar tudo a ferro e fogo, enquanto eu preferia o caminho da temperança, o caminho do meio. Isso me fazia melhor? Absolutamente não, apenas era uma característica minha diferente da deles. E só.

Como filho de iemanjá, sou uma pessoa com emoções muito profundas... Acolhedor, amigo, leal, mas também difícil de conquistar e de se entregar às amizades...

As características que ele nos narrou sobre Oxalá e Iemanjá (que eu expus apenas brevemente) casavam perfeitamente com a minha personalidade e estilo de vida.

Por fim, devo dizer aos médiuns novatos que não se inquietem tanto por quererem saber isso. Na hora certa você saberá, seja lá qual for o método empregado na sua casa.
Durante o desenvolvimento, quanto menos você desviar o pensamento em outras preocupações, mais rapidamente vai se desenvolver.

Então, foque o trabalho que precisa realizar que o resto vem com o tempo.

SEGUNDA PARTE
REFLEXÕES

A partir daqui, ofereço ao leitor algumas reflexões produzidas durante o processo de desenvolvimento mediúnico.

CAPÍTULO 20: ELEMENTOS DE TRABALHO

Resolvi abordar este assunto num capítulo próprio por ser um tema que gera muitas dúvidas. Enquanto espírita, eu não podia compreender por que razão um espírito, ao se incorporar, necessitaria beber ou fumar alguma coisa. A explicação mais razoável, simples e comum, era a de que se tratava de entidade inferior, apegadas ainda aos prazeres terrenos. Tese, aliás, frequentemente esposada por muitos espíritas...

Ao contrário, porém, de alguns colegas que insistem em dizer que o uso dessas substâncias seja exclusivamente para fins de trabalho, eu aprendi que, em certo ponto, elas gostam, sim, de fazer uso delas.

Mais de uma vez vi pretos-velhos falarem da saudade que sentiam de tomar um café ou pitar um cigarro de palha. Várias vezes ouvi o Pai Cipriano falar sobre seu apreço pelo vinho tinto. Muitas vezes presenciei o contentamento de um exu ao receber uma cachaça de engenho e por aí vai.

Não vejo a menor falta de respeito em dizer a verdade, pelo menos, essa é a minha experiência... As entidades, em um ponto ou em outro, ainda são muito semelhantes a nós e nada mais natural, humano e lógico do que eles se deliciarem com aquilo que apreciavam na vida material. Ou você, caro leitor, acha que, após a morte, simplesmente irá se libertar do interesse por chocolate, coca-cola, pizzas e lasanhas?

Dito isso é preciso considerar que, de fato, a finalidade do uso dessas substâncias é o trabalho a ser realizado, o que não lhes tira certa dose de prazer ao manipulá-las.

Quando um preto-velho bafora seu cachimbo no consulente, por exemplo, realiza uma profunda limpeza em sua psicosfera quase que instantaneamente. O fumo é sagrado em muitas culturas e tem um alto poder de limpeza energética. O homem é que banalizou seu uso, transformando-o em estimulante sem propósito. O vinho, por exemplo, assumiu desde séculos, no Cristianismo, um papel de destaque nas cerimônias católicas. E por aí vai.

Todas as bebidas possuem energia. Quando ingerimos um alimento, não estamos em busca apenas dos nutrientes da matéria. Quando o estômago faz a quebra das enzimas, a energia (ou fluido vital) daquele alimento é liberada e absorvida pela alma, através do corpo espiritual. Assim, em cada refeição, nos alimentamos por duas vias...

Quando um preto-velho toma seu café; quando um exu bebe uma pinga ou o malandro a sua cerveja, eles extraem dessas bebidas a energia necessária para realizarem seus trabalhos e, principalmente, para dar força ao transe. Quem já presenciou um trabalho de Umbanda sabe como as entidades dominam o corpo do médium, o que exige, de ambos, muita energia para manter o fluxo de um para o outro... Sem desejo de lançar qualquer disputa sem sentido, sabemos que em

nenhuma outra religião mediúnica o transe ocorre de maneira tão intensa...

Ora, sabe-se que em todo trabalho mediúnico há gasto energético. O espírito que tanto doa se enfraquece e precisa recompor-se. Na Umbanda, eles o fazem ali no ato do passe através do fumo, da bebida, da água, do fogo, das ervas... No Espiritismo, quando retornam para a colônia e tomam um caldo reconfortante, como explica André Luiz em suas obras.

Entretanto, existem espíritos que não necessitam extrair essa energia da bebida ou do fumo. Eles se elevaram o bastante para deixarem de lado todas as necessidades materiais, tirando de si mesmos, da atmosfera, da natureza, os elementos que necessitam.

Contudo, a grande maioria dos trabalhadores espirituais são espíritos comuns, como nós, desejosos de servir, fazer o bem, contribuir para a paz em nosso mundo e ainda distantes da angelitude espiritual.

CAPÍTULO 21: O FUMO

Vindo de família que não fuma e detesta o fumo, imaginei que esse seria um dos fatores que mais dificultariam meu ingresso na Umbanda. Se não bastasse, sou bastante alérgico e sofro com rinite crônica.

As primeiras vezes em que frequentei um terreiro foram tormentosas por conta da fumaça da defumação e, posteriormente, dos cachimbos, charutos, cigarros de palha, etc. Desejava sair correndo em busca de ar fresco. Com o tempo, porém, acostumei-me.

Certo dia, uma bondosa preta-velha, Vovó Maria do Rosário, ofereceu-me um cigarro de palha. Aceitei a contragosto, pois jamais pensei em fumar. Pediu-me que acendesse ali mesmo e que segurasse a fumaça na boca, sem engoli-la, pois é assim que eles fazem, sem tragar.

Acendi, fumei e, para minha surpresa, minha rinite parecia adormecida. Mais: *minha boca salivava de vontade de fumar* outro e outro, como se estivesse me deliciando com alguma iguaria muito apreciada! Fumei rapidamente aquele cigarro de palha e, tão repentinamente quanto começou, aquele efeito passou. Tentei acender outro cigarro, por minha própria conta e tossi violentamente, a boca amargou e lancei-o bem longe de mim.

Rindo, a bondosa velhinha explicou que eu senti aquela vontade por que era a vontade do preto-velho que estava perto de mim e que trabalharia futuramente comigo.

Tempos depois, quando já estava mais seguro da incorporação com o preto-velho, este pediu um “pito de palha”, acendeu e puxou aquela fumaça. Como não tinha hábito de fumar, creio ter exagerado na força de sucção. O resultado? Tossi violentamente, quase a ponto de cortar o transe por completo.

Levaria uns três meses para que eu me acostumasse com o cigarro de palha e quase um ano para me acostumar com o gosto de charuto.

Muitas pessoas ainda me perguntam se isso não me faz mal à minha saúde e a resposta é um singelo: não! As entidades não engolem a fumaça. Apenas a retém na boca tempo suficiente para misturá-la com as energias do médium ou para absorver a energia que da fumaça se desprende, expelindo-a depois sem maiores problemas.

Ainda hoje, porém, incomoda-me o cheiro do charuto no corpo após os trabalhos. Chegando em casa tomo um demorado banho a fim de me libertar desse cheiro. O amargor que o charuto deixa em minha língua permanece por horas, só cedendo quando escovo os dentes com água quente do chuveiro e faço, em seguida, bochecho com enxaguante bucal (fica a dica!).

Obs.: Se você é sensível ao gosto do fumo na boca, tome muita água após a gira. Isso evita dores de cabeça!

CAPÍTULO 22: PRECONCEITO

Não é novidade que, nos últimos anos, o preconceito religioso, travestido da sua forma mais agressiva, a intolerância, tem se tornado cada vez mais comum no Brasil. Quantos terreiros são atacados e depredados? Lamentável, mas verdadeiro.

Isso faz com que muitos companheiros médiuns busquem esconder sua religiosidade e seu trabalho. Conheci excelentes médiuns, com anos de atuação e experiência em terreiros e que o faziam de forma totalmente oculta...

Claro... Existem pessoas que são mesmo muito discretas. Mas, não é o caso da maioria dos que eu conheci. A maioria procurava atuar em centros bem longe da sua casa, minimizando o risco de encontrar um conhecido.

Quando chegavam ao terreiro, vinham em roupas normais, deixando para fazer a troca somente dentro do terreiro. Não procediam assim para evitar sujar a roupa branca ou coisa semelhante, mas por vergonha/medo de andar na rua trajado de branco, com as guias no pescoço, etc.

Quando resolvi entrar para a corrente também tive um pouco de vergonha. Vestir-me de branco, pela primeira vez, foi algo desconfortável. Meus pais viam com estranheza meu recente interesse pela Umbanda e,

embora não fossem contra, procuravam não se envolver diretamente.

Eu saía na rua de branco, com as guias no pescoço e ia de moto para o terreiro. Em cada parada de semáforo, percebia os olhares, cochichos e risinhos nos motoristas ao meu redor. Não me importava!

Certa vez, uma companheira de terreiro, conversando com outra próxima a mim, disse:

- *O Léo vem de branco pra cá, não tem vergonha de andar na rua.*

Ao que a outra moça respondeu:

- *Ah, eu não tenho coragem... Morro de medo do que as pessoas vão pensar...*

Eu não me contive e disse:

- *E daí o que elas vão pensar? Você não vem aqui para fazer o bem?*

A conversa não prosseguiu e ali mesmo pude constatar que, embora a sociedade responda com preconceito às práticas Umbandistas, a autofobia de muitos adeptos apenas reforça os estereótipos negativos.

Alguns conhecidos, já calejados de tentar explicar que Umbanda não tem a ver com sacrifício animal, não tem a ver com magia negra ou coisas negativas,

simplesmente ocultavam, até mesmo de seus familiares próximos, a sua religiosidade, definindo-se como católicos ou, simplesmente, pessoas que acreditavam em Deus.

Eu entendo que existam pessoas muito sensíveis à opinião alheia, à aprovação familiar, receosas quanto a possíveis hostilidades por parte de fanáticos ou, simplesmente, com medo do afastamento de membros da sua família por conta da sua escolha religiosa e reconheço, igualmente, que tudo isso é plausível de acontecer. É um risco que se corre...

Mas, se eu não assumo a minha religiosidade, como esperar que a sociedade aceite, entenda e respeite a Umbanda?

Tão logo comecei a frequentar terreiros, publiquei informações sobre a religião em meu perfil do facebook. Minha mãe chegou mesmo a pedir que não o fizesse, adepta que é da política da boa vizinhança e pouco afeita a dissabores familiares... Ela sabia que pessoas da minha família não concordavam com a minha escolha e pensava não ser necessário criar atrito com elas postando coisas sobre Umbanda no meu perfi...

Mas, isso apenas me estimulou.

Sempre pensei que, na minha vida, mando eu. Se o perfil era meu - embora eles fossem meus parentes -, eu

deveria usá-lo como quisesse, sem me preocupar com o que eles pensariam a meu respeito. E assim o fiz.

Descobri, para meu espanto, que ao ver minhas postagens, alguns amigos de longa data me procuraram em particular para dizer que também se simpatizavam com a Umbanda e alguns até frequentavam regularmente terreiros. Quando os questionei do motivo de nunca terem me dito isso, eles diziam não saber como eu reagiria e por isso preferiam ocultar...

Felizmente, não sofri nenhuma sanção familiar. Sei, por conversas paralelas que chegaram até mim que alguns familiares comentavam sobre a minha escolha em tom de negatividade... Mas, diretamente aos meus ouvidos, ninguém se pronunciou.

Devo dizer, porém, que só muito relutantemente resolvi me assumir Umbandista. Como era espírita desde os meus 16 anos e sentia que nenhuma religião poderia me oferecer a verdade que buscava por completo, passei a me definir como espiritualista. Achei que o termo espiritualista representava bem minha religiosidade.

Contudo, comecei a pensar que, ao proceder assim, eu também estava tentando abafar a Umbanda. Se me perguntassem, eu dizia que era espiritualista e que trabalhava com Espiritismo e Umbanda. Mas, isso não deixava de ser, no fundo, uma forma de ocultar meu próprio preconceito e receio em me admitir Umbandista.

Certa vez acordei no meio da noite e fui beber água. De repente, veio-me uma onda de pensamentos a me dizer coisas como: *"você não acha que está renegando a Umbanda? Onde foi que você se descobriu médium? Nos muitos anos em que você esteve em um centro espírita, alguém te disse que você era médium? E quem foram as entidades que te esclareceram sobre o mundo espiritual, não foram da Umbanda? E a Umbanda não é uma religião espiritualista por natureza?"*

Tais reflexões bombardearam meu cérebro por dias até que, gradativamente, comecei a perceber que, de fato, eu não queria me assumir Umbandista, estudioso que era dos fenômenos espirituais e tendo já tantos amigos que reconheciam isso em minha personalidade, receei perder a credibilidade que gozava junto deles... Foi aí que percebi, no fundo, a vaidade intelectual buscando prevalecer e tratei de reverter esse jogo...

Claro que, ao assumir-me Umbandista, muitas pessoas se assustaram, chegando a pensar que era brincadeira, pois no imaginário delas, Umbandista é sinônimo de servo do diabo, matador de bebês em rituais sinistros e coisas do tipo. Mas, creia amigo leitor, você ficará espantado com a reação das pessoas depois que você as explicar o que de fato é Umbanda e o quão distante ela está dessas práticas macabras...

Um colega de trabalho mostrou-se muito assustado quando lhe revelei minha vivência religiosa. Mas, aos poucos, começou a conversar comigo sobre o assunto, a fazer perguntas e depois de alguns meses em que

dialogávamos eventualmente sobre isso, ele me narrou ter comentado com alguns familiares sobre como a Umbanda é mal vista na sociedade...

Por fim, devo dizer algo que aprendi: *saiba o que conversar, com quem conversar, como conversar e quando conversar. Vi muitos companheiros empolgados com a Umbanda tentando convencer um parente evangélico de que exu não é diabo, descrevendo como ocorrem os trabalhos e coisas do tipo... Não aja feito tolo falando de Umbanda ou de mediunidade o tempo todo, para todo mundo. Nem todas as pessoas se interessam por este assunto e é mais provável que você as assuste do que as esclareça, agindo assim.*

CAPÍTULO 23: PENSANDO SOBRE DINHEIRO

Desde o surgimento da Umbanda, a gratuidade se estabeleceu entre os seus fundamentos. Em diversas ocasiões o Caboclo das Sete Encruzilhadas alertava aos médiuns sobre os perigos do "*vil metal*", como ele chamava o dinheiro.

Nas muitas conversas que estabeleci com as entidades, elas sempre deixaram claro que não negociavam com a gratuidade. Ela deveria ser absoluta, irrestrita, incondicional. Não podendo haver, nunca, espaço para cobrança nos trabalhos ou na transmissão do conhecimento.

Portanto, estou bem certo de que a minha opinião neste capítulo poderá desgostar a muitos... Mas, como desejo compartilhar a minha vivência e aprendizado mediúnico, torna-se um dever de consciência torná-la pública, o que não fará dela – e não desejo que alguém a faça – parâmetro para coisa alguma, senão, para suas próprias reflexões... É apenas e, será sempre, uma opinião.

Mesmo sendo a gratuidade um dos fundamentos da Umbanda, encontrei algumas pessoas que pensavam de forma diversa. Alguns, alegando uma antiga "lei de salva", afirmavam que, em casos de extrema necessidade, o médium poderia, sim, cobrar ou, pelo menos, retirar para si uma parte do dinheiro oriundo de doações, a fim de suprir suas necessidades...

Outros acabaram estabelecendo alguma taxa irrisória para os trabalhos, como a obrigatoriedade de se doar maços de velas e coisas do tipo. Atualmente, parece ser cada vez mais comum, a formação de sacerdotes profissionais que, nos moldes católicos/evangélicos, buscam viver exclusivamente de e para a religião, ganhando salários, etc.

Vejamos dois exemplos de médiuns: Chico Xavier chegou a passar fome e nunca pegou um centavo de suas obras mediúnicas. Trabalhou em restaurante, mercearia e, depois, no Ministério da Agricultura, até se aposentar. Zélio, o fundador encarnado da Umbanda, nunca viveu da Tenda Nossa Senhora da Piedade, trabalhando como qualquer outro cidadão para sobreviver... Então, por que deveríamos fazer diferente?

Também não concordo com a onda crescente de ensino Umbandista à distância onde você precisa pagar para aprender. Sim, eu já fiz alguns desses cursos quando estava começando e, de fato, aprendi bastante... Mas, percebo como cada vez mais isso se torna apenas um comércio... No último curso o "tutor" me parecia tão despreparado e ríspido nas respostas dadas às dúvidas de seus "alunos" que jurei a mim mesmo nunca mais fazer esse tipo de curso, até mesmo porque havia em torno de 1500 pessoas matriculadas num curso de um mês, cada um pagando R$ 68,00 para poder cursá-lo... A conta é simples: 68 x 1500 = 102 mil reais. Fica muito fácil, assim, ficar lançando curso atrás de curso, certo?

Como estou inscrito nestes sites, vivo recebendo e-mails promocionais (alguns até apelativos), do tipo: *preparamos uma oferta especial para você! Estamos enviando este e-mail exclusivamente para você!* – a impressão que tenho é que estes caras aderiram ao marketing das grandes lojas que todo santo dia nos enviam um e-mail com uma super oferta que, no fundo, não é mais do que o de sempre...

Se a intenção é tão somente compartilhar conhecimento, por que ao invés das plataformas EAD pagas e sofisticadas não se utilizam de plataformas gratuitas e simples? Olha o YouTube aí...

Mesmo este livro e todos os demais que eu porventura venha a escrever, terão seus direitos sempre doados à caridade ou serão disponibilizados de forma gratuita. Eu não lucrarei um centavo com eles e isso não é um ato nobre da minha parte, é uma obrigação consciencial e religiosa. Eu estou repassando apenas o que aprendi e nunca nenhuma entidade me pediu um real ou uma vela para me ensinar as coisas que hoje sei. Devo, então, agir de forma contrária, buscando lucros com estas informações? Creio que não...

Mas, serei contrário, também, as lojas de artigos religiosos? Certamente, não! Ali se comercializam produtos que não são produzidos de graça, então, obviamente, eles têm um custo. Mas, mesmo aqui, acredito que cabe discernimento. Ora, essas lojas são necessárias, elas nos fornecem os elementos de

trabalhos que precisamos. Mas, existe um enorme abismo entre oferecer produtos e selvageria capitalista.

Eu já visitei lojas onde um terço de madeira, bastante simplório, que eu comprei por R$ 2,50 numa loja esotérica, era vendido por R$ 10,00 reais numa loja de artigos religiosos voltados à Umbanda. Mesmo produto, mesma marca... Algum tempo atrás fui a uma loja de Umbanda comprar um champanhe para minha guardiã e ele estava sendo vendido por R$ 16,00 reais, enquanto no supermercado próximo da minha casa, a mesma marca era vendida por R$ 5,50.

Adepto que sou do incentivo ao pequeno comércio, tenho começado a repensar essa minha atitude, pois quando tento privilegiar as lojas de artigos religiosos de Umbanda, percebo que muitas estão "enfiando a faca". Eu já trabalhei com compras e sei como funciona o mercado, mas o que tenho percebido é que muitas lojas estão se aproveitando para lucrar absurdamente e injustificavelmente, o que tem me feito, aliás, recorrer à internet para solucionar isso... Um bom exemplo são os charutos: eu só compro pela internet, pois mesmo com o frete, a caixa ainda sai mais de 60% mais barato do que o encontrado em lojas religiosas (comerciantes, vamos ficar mais atentos aí!).

Por outro lado, a consulência também não tem consciência de que precisa ajudar e muitos dirigentes se incomodam em pedir essa ajuda explicitamente. Antigamente, deixávamos uma caixinha em formato de cofre com um papel acima pedindo doações e quase

ninguém doava. Então, por votação, decidiu-se que, no encerramento, passaríamos uma toalha branca entre as fileiras para que, os que quisessem, depositassem ali a quantia desejada.

Não era obrigatório, mas as doações triplicaram. Algumas pessoas chegaram a me dizer que se sentiam incomodadas com esse procedimento e, confesso, eu mesmo sentia e votei contra... Mas, por fim, compreendi ser um “mal necessário”, pois sem essas doações, que ainda eram poucas, seria impossível manter uma casa aberta, ainda mais uma casa formada por médiuns da classe média baixa... Mas, ressalto: *os trabalhos eram gratuitos, ninguém deixava de ser atendido ou era mal visto se não doasse*.

As doações obtidas eram apenas para custear os gastos da casa. O custo do aluguel, água, luz e elementos para a firmeza eram muito altos, o que nos fez procurar alternativas, como comprar materiais pela internet e em grande quantidade e, mesmo assim, ainda faltava dinheiro...

Há tempos cheguei à conclusão que, geralmente, o médium de Umbanda paga para trabalhar. Eu mesmo gasto, mensalmente, algo em torno de R$ 100,00 reais, somando contribuição e produtos para as minhas entidades e da minha esposa trabalharem. Não que eu defenda que o médium tenha que pagar para trabalhar, mas acaba sendo comum que assim o seja por falta de doações e de um meio de assegurar uma renda para casa.

Não sem razão que muitas casas organizam bazares, feira de livros usados, bingos, jantares, a fim de arrecadar algum dinheiro para poder continuar funcionando.

Contudo, eu acredito no processo de conscientização e esclarecimento. Se cada pessoa que fosse semanalmente ao terreiro levasse um real, estou bem certo de que o médium não precisaria pagar para trabalhar. Não digo para tornar esse processo obrigatório, mas enfatizar sempre a importância da doação financeira ou de elementos de trabalho. Não vejo o menor problema ou vergonha em, abertamente, pedir auxílio à assistência, informar sobre os gastos da casa, suas dificuldades, sua situação financeira, etc. Nada tendo a esconder, nenhuma casa precisará temer ao dizer a verdade àqueles que a procuram.

Além da contribuição financeira, existe a contribuição com serviços e as doações de elementos de trabalho. Estou bem certo de que nenhum terreiro dispensará a boa vontade de alguém que deseja varrer-lhe o chão, ajudar na limpeza, organização, lavar um banheiro ou doar um maço de velas, uma garrafa de marafo, uma pemba, etc.

Se a pessoa não deseja ou não puder contribuir financeiramente, poderá contribuir com seu serviço ou mesmo doando algum dos elementos utilizados nos atendimentos.

CAPÍTULO 24: ESTUDAR SEMPRE

Posteriormente, estudando sobre a história da Umbanda, descobri que muitos médiuns e dirigentes do passado não incentivavam o estudo ou tentavam reter a informação de modo que os demais médiuns precisassem sempre recorrer a eles para saber o que fazer, como fazer, etc.

Havia o pressuposto de que o melhor era o médium nada saber, pois se sua entidade soubesse, seria a prova inequívoca de que ele estava mesmo incorporado.

Nas primeiras décadas da Umbanda, vários médiuns inconscientes surgiram para dar força à religião. As entidades que por eles se manifestavam lançaram as bases de cada forma de trabalho e, para isso, era necessário dispor desse qualificativo mediúnico.

O correr dos anos, porém, fez com que a mediunidade inconsciente se tornasse cada vez mais rara... A mediunidade consciente prevaleceu como a forma comum de trabalho. Os médiuns agora eram chamados a servirem mais do que sendo meros aparelhos, meros cavalos... Eles deveriam participar de todo o processo e, com isso, enriquecerem-se com as experiências vividas através da sua própria mediunidade.

Ainda há quem defenda que o médium nada deva estudar ou saber... Mas, felizmente, uma onda de informações - algumas boas e outras nem tanto -, atravessa a Umbanda neste momento. Nunca tantas

pessoas produziram conhecimentos e os disponibilizaram de forma livre através da internet atingindo adeptos e leigos...

***

Eu vinha – como já mencionei – de uma educação espírita. No Espiritismo não se estuda sobre ervas. Logo, eu nada sabia sobre elas. Assim como eu, a maioria dos médiuns iniciantes no terreiro sabia pouco ou nada sobre o uso das mesmas. Muitos, vindos do Catolicismo ou do Espiritismo não tinham a menor ideia da variedade de ervas que poderiam ser utilizadas nos trabalhos de Umbanda.

Como médium consciente, se a entidade quisesse, por exemplo, recomendar um banho de Pinhão Roxo, é bem provável que eu não conseguisse traduzir corretamente essa informação, pois até bem pouco tempo eu sequer sabia que existia um Pinhão Roxo...

É claro que, com muita dificuldade, a entidade incorporada pode até conseguir transmitir o que deseja, mas pela minha experiência prática, isso se torna muito difícil e angustiante para o médium que, se tiver um pingo de bom-senso, sempre vai ter receio ao recomendar banhos ou chás de ervas sobre as quais nada sabe...

O fenômeno da incorporação não é possessão. O espírito não entra em nosso corpo e passa controlá-lo como um fantoche, senhor absoluto de tudo. A

mediunidade é, em última instância, processo de conversão e tradução de informações e, requer, sempre, um banco de dados para trabalhar.

Se a entidade incorporada souber falar Japonês, com o tempo, pode criar afinidade suficiente com o médium para "forçar" uma informação que não existe previamente em seu cérebro, como falar uma ou outra palavra em Japonês, mas jamais irá estabelecer um diálogo em Japonês, a não ser que, nos arquivos da memória espiritual daquele médium – ou na atual - haja o conhecimento do idioma, mas isso é muito raro e desnecessário...

Portanto, quanto mais conhecimentos, sobre os mais diversos campos, o médium possuir, mais recursos a entidade terá para trabalhar.

Bem entendido a necessidade do estudo, talvez você se pergunte: estudar o quê? Bom, eis aí uma verdadeira caminhada que só você mesmo poderá percorrer. A literatura de Umbanda é ainda pequena, mas muito diversa e, por vezes, confusa.

Sempre me recomendaram a leitura das obras de Rubens Saraceni, mas, pessoalmente, eu não me adaptei à forma como ele aborda a Umbanda. Na verdade, eu iniciei meus estudos da religião pelo seu viés histórico (que eu adoro) e isso tem me ajudado muito a compreender – inclusive – as coisas que vivencio dia-a-dia dentro do terreiro.

Logo, não vou indicar, diretamente, nenhum livro ou autor. Vou dizer algo mais valioso: **estude o que você quiser e o que te faça bem!** Tudo que você aprender ainda será pouco. Conhecimento nunca é demais!

É claro que, como médium Umbandista, se torna evidente que você precisará dedicar um tempo ao estudo da religião, a fim de que sua prática mediúnica se torne cada vez mais apurada e rica, contudo, não se feche a ponto de não estudar nada além da religião, pois o mundo aí fora é vasto, incrível e maravilhosamente rico em informações e mistérios.

CAPÍTULO 25: COMPROMISSO

Em capítulos anteriores eu mencionei brevemente como a mediunidade gera um sério compromisso. Basta lembrar, por exemplo, que a minha primeira atuação como médium atendendo publicamente se deu por ocasião em que vários médiuns experientes faltaram por conta da chuva e tive que agir naquele momento para suprir a ausência de pelo menos um deles.

Geralmente, eu vejo as entidades perguntarem três vezes ao candidato à médium se ele quer, mesmo, trabalhar. Muitos negam, mas alguns dizem prontamente que sim. Entretanto, mesmo nestes casos, tenho visto as entidades exigirem provas mínimas de compromisso.

Certa vez o caboclo que trabalha comigo (Uirapuru) atendeu a um rapaz e, imediatamente, percebeu sua mediunidade. Na conversa com o consulente, este lhe informou já ter recebido, antes, avisos sobre a mediunidade, mas sentia não ser a hora de trabalhar, pois ainda queria alcançar algumas metas profissionais. Mesmo assim, a entidade lhe alertou, dizendo que já estava, sim, na hora de começar.

Uns três meses depois, eis que retorna o rapaz e acaba, novamente, passando com o caboclo, queixando-se das mesmas coisas de antes e, novamente, recebendo a mesma orientação: *deveria trabalhar a mediunidade*. Ele não aceitou.

Passados mais uns dois meses, vi o rapaz novamente no terreiro, desta vez, sendo atendido por outra entidade. Eu já havia desincorporado e pude ouvir, ainda que de longe e imprecisamente, a entidade aconselhar, novamente, o trabalho mediúnico. Ao que parece, sem resultado algum.

Em outras ocasiões, vi pessoas chegarem desesperadas ou super empolgadas ao terreiro, pedindo ajuda de todas as formas para desenvolver suas mediunidades, mas perante as menores provas de compromisso, como, por exemplo, passar a frequentar assiduamente os trabalhos de passes, simplesmente sumiam...

É inegável que mediunidade gera compromisso. E, inegavelmente, cabe ao médium o que fazer com o compromisso assumido. Aqui, contudo, é preciso trazer alguns apontamentos.

Antes de tudo, o médium tem de estar ciente de que seu compromisso é com a espiritualidade. Ele se coloca como instrumento dos bons espíritos para consolar, esclarecer, orientar, doar energias, etc. Como instrumento de trabalho, ele deverá entrar em ação sempre que se fizer necessário e nunca, jamais, esperar ou pedir recompensa financeira por conta disso...

Se, por algum motivo, ele estiver impossibilitado de trabalhar numa casa, deverá procurar outra ou, na impossibilidade de conseguir outra casa, iniciar seu próprio trabalho, se tiver preparo para isso e seus guias concordarem, mas, nunca, deixar de trabalhar.

As entidades que atuam na Umbanda, apesar de formarem equipes diferentes, atuam para o mesmo fim. Então, o médium não deve se esquecer que, acima da casa, existe a causa. E a causa da Umbanda, que é a caridade pelo espírito, será exercida em qualquer lugar onde haja alguém disposto a vivê-la.

A casa onde desenvolvi era pequena. Cada médium servia de instrumento para o atendimento de cinco ou seis pessoas por trabalho. Logo, se muitos médiuns faltassem, o número de pessoas por cada entidade podia dobrar ou, em alguns casos, triplicar. Isso fazia o trabalho demorar mais do que o normal e, por consequência, os médiuns se desgastavam mais do que o esperado. Levando em consideração que a maioria tem família, no outro dia acorda cedo para trabalhar, alguns ainda fazem janta quando chegam em casa, etc., podemos fazer ideia do quanto pesa aos demais a falta de um médium.

É fundamental que o médium tenha em mente que, enquanto ele puder trabalhar, ele deve trabalhar. Sem o desejo de me vangloriar, mas apenas para dar testemunho pessoal e real, cheguei diversas vezes molhado no terreiro para trabalhar, pois meu único veículo era moto e quando não pegava chuva na ida, pegava na volta e, nem por isso, faltava aos trabalhos, a não ser por motivo de força maior.

Mas, então, o médium não tem o direito de faltar? Não pode, nem mesmo sob doença, deixar de comparecer?

Deixará de ir, por exemplo, aos aniversários familiares se estes coincidirem com o trabalho a ser realizado? A resposta é: Você decide!

Você vai adoecer, vai ter compromissos familiares, às vezes precisará fazer hora extra, enfim, vários motivos podem te impedir de comparecer ao terreiro e você será obrigado a faltar.

Porém, existe uma grande diferença entre faltar de vez em quando e comparecer de vez em quando e, acredite, eu conheci vários médiuns que não se incomodavam em comparecer apenas de vez em quando...

CAPÍTULO 26: CAMINHO RETO

Pai Cipriano das Almas uma vez me disse uma frase inesquecível: ***médium não é santo, se fosse, estaria no Altar, não no terreiro.*** Essa frase é bastante emblemática. A maior parte dos médiuns são espíritos com pesadas dívidas com o passado e a mediunidade surge como ferramenta de aperfeiçoamento e meio de quitar antigos débitos...

Seguindo este raciocínio, não é difícil entender por que os médiuns possuem os mais diversos defeitos: desde falhas gravíssimas de caráter (mediunidade não é sinal de evolução), até pequenos desafios cotidianos comuns a todas as pessoas na Terra.

Por isso, quando o médium resolve desenvolver-se, ele não está apenas assumindo um compromisso de servir de instrumento à manifestação do espírito em prol da caridade, ele também está assumindo o compromisso de melhorar-se como pessoa e será cobrado por isso.

Há um ponto que diz: *"não adianta bater no peito, saudar a encruza, e não agir direito... Viver só de traição, fazendo inimigos, maltratando seus irmãos... Ninguém engana a nenhuma entidade, por que exu é a própria verdade"*.

Certa vez um rapaz que estava se iniciando na mediunidade passou com meu exu para consulta e, tenho certeza, saiu dela muito pensativo. Ele foi advertido, severamente, em relação às traições que

estava praticando, dividido entre duas moças, ambas enganadas. É ingenuidade pensar que um exu toleraria esse tipo de comportamento...

Quando se trata de um preto-velho, a bronca pode ser suave, cheia de rodeios. Mas, se for um exu, é provável que ele lance a verdade nua, crua e sem pudor. Portanto, enganam-se gravemente os que pensam que podem desenvolver-se como médiuns sem mudarem, essencialmente, o que são como pessoas.

As entidades nos acompanham, conhecem todos os aspectos da nossa vida, sabem onde erramos e onde acertamos. Elogiam-nos quando estamos certos e puxam nossa orelha quando erramos. Não esperam que nos tornemos santos da noite para o dia, mas cobram nossos esforços.

CAPÍTULO 27: ANTIPATIA DENTRO DO TERREIRO

Como dito em capítulo anterior, os médiuns são pessoas comuns e, às vezes, possuidores de chagas morais que tornam a convivência com seus irmãos de fé um verdadeiro desafio.

Entretanto, da mesma forma que o médium tem que silenciar sua mente para que a entidade possa falar, ele precisa silenciar suas inimizades para que os guias possam trabalhar.

Acompanhei de perto o caso de dois senhores amigos que, de repente, passaram a se evitar dentro do terreiro...

Certa noite, durante a gira, ambos incorporados com seus caboclos começaram a discutir no meio do trabalho, a ponto do guia-chefe intervir para abafar o falatório...

A casa estava cheia, pessoas necessitadas, aflitas, doentes e ali dois caboclos, simplesmente, brigando na frente de todo mundo... Ou será que a antipatia pessoal entre os médiuns falou mais alto e ambos deixaram isso transparecer?

Não fingiram incorporação... Ela apenas se deu de modo incompleto. Não houve perfeito alinhamento dos chakras entre entidade/médium de modo que atuação dos guias ficou severamente restrita a mero reflexo

corporal... As línguas chicotearam-se por conta própria...

Em outra ocasião, uma médium muito experiente contou-me algo curioso, dizendo só ter adquirido verdadeira confiança em sua própria mediunidade quando uma pessoa por quem nutria extremada antipatia visitou a casa em que trabalhava e acabou passando com seu guia, sendo amplamente atendida em suas aflições sem que ela própria sentisse a menor repulsa naquele momento. Tão logo desincorporou, a revolta bateu-lhe à porta...

Sem dúvida, o desejável é que haja entre todos os membros da corrente os melhores sentimentos. Mas, além das dificuldades pessoais que cada um carrega em seu íntimo, é preciso considerar que, por vezes, os membros de um trabalho espiritual já se encontraram em algum lugar do passado e podem ter estabelecidos ligações complicadas e, por vezes, dolorosas que vão se manifestar agora - embora sem a lembrança clara do motivo -, em forma de aversão...

O mínimo necessário para que uma casa se mantenha e um trabalho se sustente é o respeito.

CAPÍTULO 28: AMIZADE FORA DO TERREIRO

Nada mais comum e desejável que os amigos que se faça dentro do terreiro possam sê-lo fora dele. Realmente, eu pude sentir isso e estabeleci laços de afeto com pessoas que, em outras ocasiões, certamente não cruzariam meu caminho, dada a diferença de personalidade e interesses.

Este é, porém, um momento perigoso na vida do médium iniciante e que exige muita cautela. Por vezes, o seu companheiro de terreiro não é uma boa companhia para se ter na vida privada... É preciso ter tato e, principalmente, discernimento.

Presenciei alguns episódios onde pessoas, empolgadas por um ideal em comum, buscaram estreitar laços fora do terreiro e isso não deu muito certo. É preciso considerar, sempre, que os médiuns são - quase todos -, espíritos tremendamente endividados com o passado e não se pode esperar que passem a viver valores nobres da noite para o dia... Você pode ter muito apreço pelas entidades de um determinado médium, mas daí este médium agir conforme as entidades pregam por sua boca, o passo é grande...

Logo, amizades que, a princípio, pareciam promissoras e frutíferas, terminaram por se mostrar desgostosas a ponto de prejudicar, inclusive, o trabalho que realizavam em conjunto dentro do terreiro, obrigando, por vezes, à mudança de casa.

O seu companheiro, irmão de corrente, pode mostrar um vivo ideal de trabalho dentro da casa, mas somente quando você o conhecer sem "o branco" é que poderá avaliar se realmente se trata de uma pessoa que vale a pena trazer para sua vida e para seu lar.

Infelizmente, entre amizades cujo fim foi negativo, figuram casos, por exemplo, de traição. Pessoas que se mostravam como irmãos-de-fé e que, na primeira ocasião, não se importavam em lançar olhares maliciosos aos cônjuges...

Por outro lado, também vi verdadeiros laços de amizade surgirem e produzir bons frutos. Pessoas que, a princípio, mal se cumprimentavam, hoje são amigos inseparáveis. Seus filhos estudam juntos, brincam juntos, suas esposas visitam-se, uma bela relação.

Como em qualquer outro setor da vida humana, estabelecer um laço de amizade requer muito cuidado, atenção, envolvimento e muita observação, não é por que a pessoa é Umbandista e médium do mesmo terreiro que você que ela se torna uma boa companhia para sua família.

CAPÍTULO 29: PAI-DE-SANTO

Muitas casas de Umbanda seguem a forma de trabalho onde se elege um pai-de-santo, isto é, um sacerdote para o templo e orientador espiritual dos membros da casa.

Pessoalmente, não concordo com este sistema e nunca adotei nenhum pai-de-santo em minha vida. Nos capítulos anteriores vimos como as pessoas podem ser complicadas e isso, logicamente, se estende ao pai-de-santo...

Soube de muitos casos em que a relação pai/filho-de-santo não era boa e terminou em brigas, desavenças de todos os tipos e mesmo ataques pessoais.

Claro, há sempre exceções.

Pude conversar com pessoas que tiveram maravilhosos pais e mães-de-santo que personificavam não apenas um cargo, mas uma figura amiga, caridosa, conselheira, alguém que realmente tinha o respeito de seus filhos-de-fé.

Na casa onde desenvolvi, contudo, não tínhamos um pai-de-santo. Tínhamos um presidente para fins legais e um médium principal, através do qual, podíamos conversar com as entidades-chefes, estas sim, as verdadeiras chefes-de-terreiro. Deixávamos às entidades a chefia do nosso trabalho.

Entretanto, mesmo aqui, é preciso considerar o seguinte: a chefia do terreiro não pode ser impositiva e autoritária. As entidades precisam de nós para trabalhar tanto quanto nós precisamos delas.

Cria-se, assim, um sistema de parceria, onde, temos total liberdade para dialogar com os chefes e mesmo discordar deles, se for o caso. Sem essa abertura, aí sim os médiuns se tornam mesmo "cavalos", esperando apenas o chicote nas costas para poder trabalhar... Creio que esse tempo já passou.

Talvez o amigo leitor se surpreenda com essas palavras, mas elas representam uma experiência real. Muitos talvez se perguntem: mas, quem é que cuida de vocês? E a resposta é: nós mesmos!

Não sentimos a necessidade de escolhermos alguém para nos orientar e dirigir, senão, a nossa própria consciência, sempre respaldada pelos ensinos e conselhos de nossos guias. Cada um, assim, se torna o responsável por si mesmo, seu mestre ou seu feitor, prestando conta do que fez de bom ou ruim à Deus e não aos homens tão falíveis como quaisquer outros...

Apoiamo-nos uns aos outros dentro de nossas possibilidades, estabelecendo uma fraternidade entre os membros da corrente sem que haja um que esteja acima dos demais: estamos todos no mesmo barco!

Alguns me perguntam: Mas, você é pai-de-santo? Ao que respondo: Não sou nem quero ser! Sou apenas um

médium como qualquer outro, lutando dia-a-dia para vencer minhas imperfeições e ser uma pessoa melhor.

Devo deixar claro, contudo, que não sou contra o sistema de filiação-de-santo, apenas que não o sigo. Na casa onde desenvolvi não o adotávamos e onde trabalho atualmente, continuamos a não adotá-lo e tudo tem dado muito certo.

CAPÍTULO 30: MEDO DE ERRAR

Todo médium que se preze tem medo de errar. Tem medo de estar sendo mistificado. Tem medo de estar enganado a si mesmo na incerteza de estar ou não incorporado. E isso é ótimo!

Sim, eu sei que é desagradável sentir medo, seja do que for... Porém, o medo de todas essas coisas que eu citei indica que você tem caráter. O que assusta são médiuns que não tem medo de nada, que colocam tudo na conta da “entidade”, isso, sim, assusta...

Preciso dizer, contudo, que este medo nunca vai cessar. Com o tempo, você se acostumará com o trabalho e se entregará mais facilmente, mas a ansiedade e expectativa sempre estarão com você.

Conheci uma senhora com 50 anos de mediunidade e embora ela trabalhasse com uma naturalidade incrível, me confessou que, pelo menos às vezes, ela sente uma pontinha de insegurança. Se você tem medo de errar, de não consolar a pessoa, de não passar direito o recado do guia, saiba: *é absolutamente normal!*

Agora, o que vou explicar precisa ser entendido com muita atenção: **Você vai errar!** Sim, é isso mesmo... Você vai fazer o resguardo, vai se preparar, vai se concentrar e, ainda assim, haverá dias em que você não conseguirá passar corretamente o recado do guia, podendo, inclusive, causar um efeito negativo a partir disso...

Eu já vi isso acontecer, inclusive, com médium inconsciente e que, trabalhando com raiva, a mesma transparecia em seus guias... Não que os guias ficassem com raiva por que o médium estava com raiva... Mas, a mensagem era contaminada no processo (uma vez que inconsciência não pressupõe isenção da mente, mas apenas sonolência da mesma).

Se o guia queria dizer: *você precisa ter mais paciência*... Normalmente diria com amor, com bondade. Mas, o médium estando nervoso, a frase poderia até sair em sua sentença completa, mas teria tom áspero, rude... É a **contaminação** da mensagem pelo estado emocional do médium...

E se isso acontece com médium inconsciente, imagina com o consciente? Então, não tenha dúvidas: você vai errar! Afinal, você é humano e embora os espíritos possam te chamar de "aparelho", você não é feito de engrenagens e circuitos, mas de carne e osso. **Afaste o desejo de perfeição num mundo imperfeito!**

Uma vez estando claro que você vai errar, resta saber o que se pode fazer a este respeito e, aqui, penso, cabe um diferencial que poderá te destacar como médium: **a humildade**. Nunca pense que seus guias são infalíveis (eles também erram...) ou que você é um médium "banda-larga" conectado com o além de forma incorruptível... Tenha humildade para aceitar seus erros e, principalmente, deixe as pessoas e entidades à vontade para te falarem sobre isso.

Eu conheci médiuns que demoraram muito para se desenvolver por que não tinham abertura para aceitar o contraditório. As entidades queriam alertar que estavam errando, que estavam passando à frente delas, mas como se melindravam muito facilmente, o alerta vinha por rodeios, sem atacar tanto o ego, mas isso fazia o processo de desenvolvimento demorar mais do que o necessário.

Se estes médiuns tivessem mais humildade e aceitassem que são falíveis, as entidades iriam orientá-los com maior precisão e eles aprenderiam, mais rapidamente, a fazer a distinção do que de fato é da entidade e do que é deles...

Conheci, inclusive, uma médium que, vindo de uma casa menos criteriosa, trabalhava há anos como médium sem nunca, de fato, ter incorporado. O máximo que ocorria é a entidade se aproximar e entrelaçá-la fluidicamente, dando-lhe uma leve sensação de sua presença espiritual.

E como era uma senhora extremamente melindrosa, os espíritos a incluíram no desenvolvimento, onde ela deveria caminhar com todos os que estavam iniciando, mas não demonstrava o menor interesse em aprender, até que terminou por se afastar da casa...

Em outra situação, vi uma médium iniciante que, incorporada e tendo exagerado na bebida, se atirou nos braços de um médium amigo, tentando beijá-lo,

desculpando-se, depois, pelo deslize da sua pombagira... Não me parece minimamente crível que uma entidade tente fazer isso, mas se a médium alimenta esse desejo, a bebida deixa-o transparecer mais facilmente...

Como todo médium eu também sempre desejei fazer o melhor. Sempre desejei acertar e sentia, também, muito medo de errar. Como narrei anteriormente, no processo que em fiquei bêbado no terreiro, o Pai Cipriano falou abertamente comigo sobre isso, explicando-me o problema da minha concentração e de como isso poderia me afetar.

Ali aprendi que a abertura para que outras pessoas ou mesmo as entidades nos orientassem sobre nossos erros é fundamental para nosso crescimento mediúnico. Sem dúvida, quando errava, eu sentia vergonha, receio no próximo trabalho, medo de errar novamente... Mas, com o tempo, fui aprendendo a confiar mais no processo e a não me culpar tanto pelos erros que pudesse ter cometido, tendo ciência de que ali estou de corpo e alma para servir, ainda que imperfeitamente...

CAPÍTULO: 31 OS GUIAS TAMBÉM ERRAM

Os espíritos que atuam nos terreiros são chamados de *falangeiros*. São espíritos ainda imperfeitos, embora muito melhorados em relação à humanidade comum. Todos tiveram existência Terrena e alguns, quando nos dão a conhecer suas histórias, falam abertamente sobre seus erros do passado e afirmam ainda terem dívidas a pagar.

Estou ciente de que isso possa causar polêmica, mas como meu objetivo é compartilhar a minha experiência da forma mais precisa e honesta possível, preciso dizer a verdade...

Vejo muitos companheiros de fé falando das entidades como se fossem anjos de luz baixando à Terra e preciso dizer que isso está muito longe da verdade, pelo menos, da que tenho observado...

Nossos guias (faço uma distinção entre guias – direita - e guardiões - esquerda) são, sim, espíritos em franco progresso espiritual. Espíritos que venceram a maioria das dificuldades em que ainda nos demoramos e, por isso, assumem a posição de guias: **eles estão alguns passos à nossa frente!** E embora possuam maior capacidade de auxílio, ainda são falíveis.

Aliás, já tive oportunidade de conversar com alguns sobre suas reencarnações futuras e um deles chegou a me dizer que após o desencarne de todos os médiuns da casa, iria se encarnar para quitar antigos débitos e que

contaria com nosso auxílio espiritual quando estivesse envolvido pela matéria...

É por essa proximidade evolutiva que chamamos os guias de pai/mãe, avô/avó. Eles são como parentes que nos amam e que nos auxiliam na subida até onde se encontram, distanciados de nós alguns passos na senda do progresso.

Esclarecido isso é preciso dizer que os guias também erram. Muitos talvez objetem que não, que o médium erra, mas não o guia... Mas, isso não é verdade. A respeito de o médium errar, isso já foi explicado no capítulo anterior, agora, é preciso entender o que leva um guia a errar.

Certa vez vi uma entidade se manifestar e dizer que os trabalhos que ocorreriam em tal lugar seriam maravilhosos e na verdade foram um desastre completo. Tanto o médium quanto a entidade eram extremamente confiáveis. Então, o que aconteceu?

Alguns espíritos conseguem ver o futuro de forma mais ou menos precisa e por um tempo mais ou menos longo. Mas, quando o veem, eles na verdade estão vendo um possível futuro. O futuro se apresenta como vários caminhos que, conforme as atitudes levarão a possíveis desfechos. Naquele momento a tendência dominante era de que tudo seria muito bom, mas acontecimentos que atrapalharam a caminhada mudaram completamente o rumo das coisas, resultando em um

futuro diferente daquele que o guia achou que seria o mais plausível.

No processo que defini antes como “leitura mental”, por exemplo, o guia pode não fazer uma correta interpretação das emoções da pessoa, dando um feedback, pelo menos em parte, incorreto. É claro que aqui fica muito difícil dizer que não foi o médium que entendeu errado, mas já conversei com uma entidade em que ela mesma me disse não ter entendido ou, pelo menos, feito a leitura pouco precisa das necessidades do consulente. Destaco, porém, que me parece ser extremamente raro um guia errar neste processo já que eles têm percepções que nós não temos.

E, se acontecer, o médium não precisa se constranger... Ao contrário, deve perguntar a entidade o que aconteceu, por que motivo errou, etc. Não tenha dúvidas: **as entidades são muito mais humildes do que nós** e certamente assumirão o erro, se vierem a cometê-lo.

Um diálogo franco, direto e fraterno, seja entre os filhos de fé, seja entre os filhos e os guias é fundamental para que ambas as equipes, espiritual e material, venham a se entender e construírem, juntas, um sólido e lindo trabalho espiritual num mundo onde não há - nem pode haver - perfeição!

CAPÍTULO 32: VAIDADE

A vaidade é, sem dúvida, um dos maiores perigos a que o médium estará exposto. Ela pode se manifestar de várias formas e mesmo o mais firme dos médiuns está sujeito a ela.

A vaidade na mediunidade geralmente se manifesta quando o médium superestima sua capacidade mediúnica ou as entidades com quem trabalha ou quando passa a se sentir agraciado com os créditos que na verdade são direcionados às entidades.

É preciso combatê-la ainda em seu nascedouro. Se esperarmos demais, ela pode estar com raízes profundas o suficiente para resistir com força ou mesmo chegar ao ponto em que se torna impossível extirpá-la sem maiores danos.

Se o médium possui uma faculdade pouco comum, como a vidência (capacidade de ver os espíritos) ou a psicografia, certamente as pessoas o colocarão num patamar diferenciado dos demais. Tais faculdades não são muito comuns, mas extremamente apreciadas pelas pessoas necessitadas, de modo que muito rapidamente esses médiuns se tornam famosos e bastante procurados.

Como os médiuns, geralmente, são espíritos endividados com o passado, muitos podem trazer ainda a chaga da vaidade que frequentemente é instigada pela bajulação daqueles que, em busca de suas faculdades

mediúnicas, ultrapassam as fronteiras do bom-senso, chegando mesmo a investigar o que o médium posta em suas redes sociais para descobrir seus gostos, derretendo-se em gentilezas, presenteando-o com regalias, enfim, uma série de tentações que o colocam perigosamente no limiar de um abismo.

Cabe lembrar, ainda, que a vaidade não representa perigo apenas para o médium. Certa feita conheci um senhor que se gabava aos quatro ventos por ter sido cambone (auxiliar da entidade quando incorporada) de uma entidade e dava verdadeiros ataques pelo simples fato de ver outros médiuns usando o nome da referida entidade em seus perfis do facebook... Chegou mesmo ao ridículo de ameaçar de processo quem usasse o nome da entidade sem sua prévia autorização (como se os espíritos tivessem donos...).

Noutra ocasião conheci uma senhora que se apresentava sempre com muita humildade, sempre fazendo menção de que somos todos iguais, que ninguém é melhor do que ninguém até que pude surpreendê-la num diálogo com um jovem rapaz que apenas lhe questionou uma informação, ao que ela respondeu: *“Quem é você pra me questionar? Antes de você pensar em nascer eu já era mãe de santo”* e outras coisas do tipo.

A vaidade no meio religioso tem feito e continuará fazendo muitas pessoas caírem. É preciso, sempre, manter os olhos bem abertos e lembrar que somos

apenas instrumentos, engrenagens de um mecanismo muito maior do que podemos supor...

Contudo, é importante considerar que lutar contra a vaidade não quer dizer abstenção de elogios e incentivos. Há casas que proíbem as pessoas de fazerem quaisquer elogios aos médiuns ou às entidades, de baterem palmas após uma palestra, etc.

O que se deve combater é a bajulação descabida e imprópria, mas o estimulo construtivo no bem deve sempre ser incentivado.

CAPÍTULO 33: REFORMA ÍNTIMA

A maioria dos médiuns Umbandistas que eu conheci não gostava de estudar e, muito menos, esforçar-se por se tornarem melhores enquanto indivíduos. Em nossa antiga casa, implantamos um estudo e apenas cinco pessoas, quando muito, apareciam... No dia de trabalho, eram 20; nos estudos, cinco. Muitos diziam não ter tempo para vir ao estudo, mas arrumavam tempo para não faltar da gira e se fosse da esquerda, o que ocorria sextas à noite, não faltava um...

A bem da verdade, mesmo sabendo que na Terra a imperfeição impera e não desconsiderando que eu mesmo sou muito imperfeito, devo dizer que as pessoas mais complicadas que eu já encontrei no campo espiritual estão dentro da Umbanda, isso tanto presencialmente quanto virtualmente.

Não desejo menosprezar meus colegas de religião e muito menos a mim mesmo, contudo, é notório aos meus olhos a diferença existente entre o "comportamento típico Espírita" e o "comportamento típico Umbandista" e isso me chocou muito, pois eu via pessoas que dentro do terreiro se esforçavam muito para serem ótimos trabalhadores, cambones ou médiuns, mas bastava pisar fora do terreiro que todo aspecto mundano da personalidade do sujeito tomava novo vulto, sem maiores reflexões ou pudores.

Não tenho dúvidas de que no Espiritismo há também muitas pessoas complicadas... Mas, pelos anos em que

trabalhei em centros espíritas, elas procuravam minimizar isso ou pelos menos disfarçavam muito bem... O Espiritismo tem um apelo muito forte à reflexão, ao entendimento, ao exame da própria consciência e isso começa desde cedo, na evangelização infantil, o que normalmente não ocorre na Umbanda, malgrado os sempre belos ensinos morais dos guias...

O Umbandista precisa conscientizar-se de que não basta apenas ser um excelente médium ou um excelente devoto de tal Orixá, é preciso que se torne uma excelente pessoa, o que exigirá um grande esforço e uma longa caminhada para conhecer a si mesmo, identificar as próprias imperfeições e traçar estratégias para vencê-las.

Penso que, hoje, é indispensável o médium não apenas estudar e buscar conhecimento, mas que igualmente se dedique à sua reforma íntima, tornando-se uma pessoa melhor...

Não dá para querer ser uma pessoa fora do terreiro e outra dentro dele!

CAPÍTULO 34: ENVOLVA-SE

Defino envolvimento como uma relação de amor, onde você faz coisas pelo simples prazer de estar ali e poder viver aquele momento. Quando comecei a frequentar o terreiro, sentia-me como alguém que visita uma cidade nova e se encanta com tanta coisa diferente.

As entidades me acolheram muito bem, deram-me liberdade para pesquisar, perguntar, questionar à vontade. Quando comecei a me desenvolver, fui auxiliado sem preguiça pelas bondosas almas, sempre prontas a me esclarecer e orientar. Parecia um sonho! Eu finalmente encontrara a casa espiritual que a vida toda procurara...

Eu trabalhava o dia todo e não via a hora de chegar ao terreiro, ansioso por saber o que aconteceria, como seriam os trabalhos, o meu desenvolvimento, o que sentiria essa semana?

Com o tempo notei, contudo, que nem todos os médiuns pareciam sentir igual. Muitos chegavam desanimados, reclamando, mostravam-se frustrados, apáticos. Alguns preferiam ficar do lado de fora batendo papo, mesmo a espiritualidade recomendando que entrássemos e nos concentrássemos...

Ao fim dos trabalhos não queriam permanecer para o desenvolvimento dos médiuns novatos. Olhavam para o relógio o tempo todo. Se algum chefe demonstrasse interesse em ficar mais um pouco para alguma

conversa, mostravam-se contrafeitos, quando não pediam para sair no meio da conversa... Se planejávamos uma ação de caridade, apareciam meia dúzia de médiuns...

Enfim, parece-me sumamente importante que você, como médium, não se preocupe apenas com o seu desenvolvimento, com o seu trabalho. Você é parte de uma engrenagem que faz parte de um mecanismo maior que é o terreiro. Quanto mais você se envolver nas atividades do terreiro, melhor irá se sentir naquele local, isso facilitará, inclusive, a sua concentração e mostrará às entidades o quanto, de fato, você está empenhado em fazer o bem, o que pode mesmo acelerar o seu desenvolvimento mediúnico, já que eles ficam muito contentes quando desenvolvem médiuns que se encantam com a espiritualidade mesmo quando não estão incorporados...

CAPÍTULO 35: DESOBSESSÃO

Não tenho a menor dúvida de que a desobsessão ajudou e muito o meu desenvolvimento mediúnico. Nas giras convencionais temos que aprender a reconhecer e a trabalhar com apenas uma ou duas entidades. Na desobsessão, nunca se sabe que espírito se manifestará.

Atuei durante pouco mais de um ano na desobsessão, que ocorria toda segunda-feira. A princípio como esclarecedor e, depois, como médium de incorporação. Recebia, principalmente, suicidas e perdidos, mas também recebia assassinos, assassinados, enlouquecidos, etc.

Essa grande variedade de manifestações, embora me causasse enorme cansaço e, por vezes, muita dor no corpo (se se manifestava um suicida que deu um tiro em sua cabeça, eu sentia muita dor de cabeça) fez com que eu evoluísse como médium.

Se antes eu demorava alguns minutos para incorporar, na desobsessão isso se tornou segundos. Grande variedade de espíritos, grande variedade de sofredores, maior flexibilidade para energias diferentes, melhor médium eu me tornava.

Sei, contudo, que não são todas as casas de Umbanda que mantém reuniões de desobsessão. A maioria faz apenas o “puxado” que é quando o espírito se manifesta ali mesmo, na gira.

Mas, se a casa que você frequenta tiver desobsessão ou qualquer outro tipo de serviço mediúnico, eu sugiro que você participe, pois a exposição a tantos tipos diferentes de espíritos e energias irá acelerar muito o seu desenvolvimento.

Posso dizer que a desobsessão foi um divisor de águas no meu desenvolvimento mediúnico e, ao contrário do que possa parecer, não causa nenhum prejuízo ao médium ainda em desenvolvimento... Porém, como em tudo, é preciso calma e prudência, além do aval dos chefes para ingressar ou não um novo médium nesse tipo de trabalho.

CAPÍTULO 36: FIM DO DESENVOLVIMENTO?

No momento em que escrevo esse texto (24/06/2016) nada mudou em minha mediunidade de incorporação. O que descrevi para vocês é exatamente como tenho trabalhado até o presente. Porém, uma nova mediunidade começa a nascer em mim: *a audiência espiritual*.

Há algumas semanas comecei a perceber algo diferente. Não parecia a costumeira intuição, nem a sempre presente inspiração. Eu tinha a nítida impressão de ouvir uma voz, mas não dentro da minha cabeça e, sim, fora. Como se alguém sussurrasse em meus ouvidos de forma a poder compreender algumas sentenças bem completas.

Vamos aos exemplos.

Estava trabalhando quando tive a impressão de ouvir o Pai José do Congo dizer, de forma lenta, como se fosse um ditado: *fulana precisa descansar mais*. Fulana é uma amiga nossa e médium. Para minha surpresa, tão logo chego em casa minha esposa me disse que ela estava internada, pois sofreu tonturas.

Por esses dias, estávamos em dúvida se a próxima gira seria de caboclos ou pretos-velhos e tive a impressão de ouvir uma voz firme dizendo: Caboclo!

Ocorreram poucas manifestações até o momento deste novo gênero mediúnico para mim, mas como já havia

sido instruído previamente que isso cedo ou tarde aconteceria, estou encarando com naturalidade, se é que esta mediunidade se tornará mais intensa...

Portanto, caro leitor, tenha sempre em mente que o desenvolvimento nunca terá fim. Novos gêneros de mediunidade podem surgir para você conforme o trabalho que você vier a construir aqui na Terra.

Não seria de surpreender se, de repente, além da incorporação, você viesse a desenvolver outros dons, mesmo a tão rara e apreciada psicografia. Tudo depende da tarefa que, como médium, você terá que executar e dos seus esforços como indivíduo perseverante no bem e representante da luz - ainda que imperfeitamente -, na Terra.

De uma coisa, porém, nunca se esqueça: **há sempre com quem aprender e a quem ensinar e é sempre tempo de recomeçar e reaprender.**